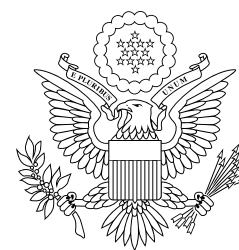




Maputo Mozambique

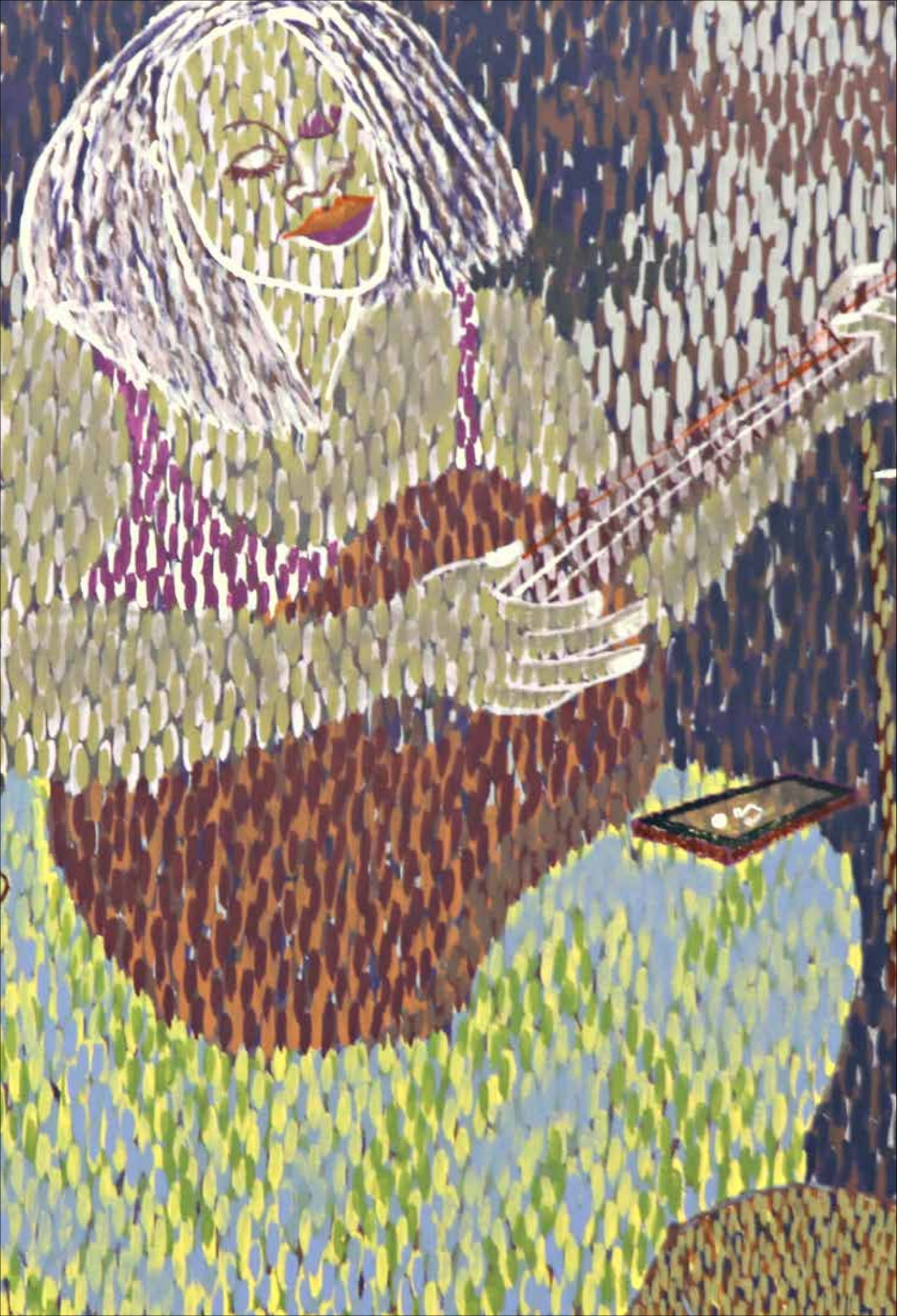
Art Collection of the United States Embassy
Art in Embassies, U.S. Department of State





Maputo Mozambique

Art Collection of the United States Embassy
Art in Embassies, U.S. Department of State



Maputo, Mozambique

Curated by the Office of Art in Embassies, the permanent art collection at the U.S. Embassy in Maputo presents a cultural resonance between America and Mozambique. The artworks highlight not only shared aesthetic sensibilities but also a mutual interest in exploring personal narratives and traditional motifs by artists from both countries.

American artists, captivated by the bold colors, expressive patterns, and deep-rooted storytelling customs of African art, incorporate similar materials and techniques. Their work draws on the thematic influences from natural landscapes and industrial surroundings to illustrate further the connection between the two artistic cultures.

Mozambican artists vividly portray the vibrancy and diversity of their contemporary art scene, reflecting the country's rich history and complex present. Since gaining independence from Portugal in 1975, Mozambican artists have played a crucial role in shaping the nation's identity. Their work often grapples with themes of war, social justice, and cultural heritage using a variety of media such as painting, sculpture, photography, video, and installation — creating a dialogue with the past and present.

The collection also features artists who employ found objects and ironwork as primary mediums. By considering their environmental conditions, the economics of modern life, and traditional aesthetics, they create contemporary art that resonates with viewers on multiple levels. Through the transformation of discarded materials into evocative artworks, these artists imbue everyday objects with new meanings, inviting viewers to reevaluate perceptions of beauty and material worth.

New York artist Alice Hope is known for her innovative use of materials such as tabs from aluminum cans and other metal items to create large-scale installations that explore complex themes such as consumerism, waste, and environmental sustainability. Her site-specific commission *Murmurations 1*, inspired by the rhythm of Maputo's offshore fishermen working their nets and the natural phenomena of movements of schools of fish, is crafted from thousands of aluminum-can tabs meticulously arranged to create mesmerizing patterns and forms that shift and shimmer like fish.

Com curadoria do Office of Art in Embassies, a coleção de arte permanente dos EUA. A Embaixada em Maputo apresenta uma ressonância cultural entre os EUA e Moçambique. As obras destacam não apenas sensibilidades estéticas partilhadas, mas também um interesse mútuo em explorar narrativas pessoais e motivos tradicionais de artistas de ambos os países.

Artistas americanos, cativados pelas cores ousadas, padrões expressivos e costumes narrativos profundamente enraizados da arte africana, incorporam materiais e técnicas semelhantes. O seu trabalho baseia-se nas influências temáticas de paisagens naturais e ambientes industriais para ilustrar ainda mais a ligação entre as duas culturas artísticas.

Os artistas moçambicanos retratam vividamente a vibração e a diversidade do seu cenário artístico contemporâneo, refletindo a rica história e o presente complexo do país. Desde a independência de Portugal em 1975, os artistas moçambicanos têm desempenhado um papel fundamental na formação da identidade da nação. O seu trabalho aborda frequentemente temas de guerra, justiça social e património cultural, utilizando uma variedade de meios, como pintura, escultura, fotografia, vídeo e instalação, criando um diálogo com o passado e o presente.

A coleção também apresenta artistas que usam objetos encontrados e ferragens como meios primários. Ao considerarem as suas condições ambientais, a economia da vida moderna e a estética tradicional, criam arte contemporânea que se relaciona com os espetadores a vários níveis. Através da transformação de materiais descartados em obras de arte evocativas, esses artistas imbuem objetos do quotidiano de novos significados, convidando os espetadores a reavaliar as percepções de beleza e valor material.

A artista nova-iorquina Alice Hope é conhecida pela sua utilização inovadora de materiais como os anéis das latas de alumínio e outros objetos metálicos para criar instalações em grande escala que exploram temas complexos como o consumismo, o desperdício e a sustentabilidade ambiental. A sua comissão específica para o local *Murmurações 1*, inspirada no ritmo dos pescadores offshore de Maputo que trabalham as com as

In Mozambique, as in other parts of Africa, ironworking is more than craft; it is a form of storytelling and cultural expression. Iron objects, often symbolic, are used in ceremonies to mark significant life events, such as births, weddings, and funerals. These artifacts, including tools, weapons, and decorative items, serve as tangible representations of community values, traditions, and spiritual beliefs.

Mozambican artist and antiwar activist Gonçalo Mabunda uses decommissioned and abandoned weapons for his powerful sculptures that address the impact of war. In *The 6 Paths to the Labyrinth*, Mabunda reinvents traditional Makonde wood carving by crafting six immense totems from automobile parts. The faces on each totem reflect resilience and hope, moving past the country's collective memory of its civil war.

Memory also plays a crucial role in Bob Dylan's *Ironwork Wall Hanging (Found Frame Blue Gear)*, situated across from Mabunda's totems. Growing up in America's Iron Range, Dylan was surrounded by the iron industry. His sculpture, created from found objects such as gears and tools, shows us our past and the tools that have shaped our present. Both Dylan and Mabunda infuse their works with rich symbolism and meaning: Dylan's ironwork pieces often evoke a sense of history, nostalgia, and Americana, while Mabunda's sculptures carry profound metaphoric weight, addressing issues such as conflict, colonialism, and the resilience of the human spirit, often drawing from personal experience growing up in post-civil war Mozambique.

Weaving is an artistic tradition that spans cultures, represented in this collection by Anastasia Azure and Lizette Chirime. Azure's use of nylon and metals reimagines what weaving can be. Installed throughout the Embassy, her sculptures evoke a sense of serenity through their geometric floral shapes. Mozambican artist Lizette Chirime's signature techniques involve weaving and sculpting discarded clothing and fabric scraps into large-scale installations. By repurposing these materials, she creates visually stunning artworks that raise important questions about consumerism, waste, and sustainability. *Meditation Side Effects* uses traditional weaving methods to

suas redes e nos fenômenos naturais dos movimentos de cardumes de peixes, é feito a partir de milhares de aberturas de latas de alumínio meticulosamente dispostas para criar padrões e formas hipnotizantes que mudam e brilham como peixes.

Em Moçambique, tal como noutras partes de África, a siderurgia é mais do que um artesanato; é uma forma de contar histórias e expressão cultural. Os objetos de ferro, muitas vezes simbólicos, são usados em cerimónias para marcar eventos significativos da vida, como nascimentos, casamentos e funerais. Esses artefatos, incluindo ferramentas, armas e artigos decorativos, servem como representações tangíveis de valores, tradições e crenças espirituais da comunidade.

O artista moçambicano e ativista anti-guerra Gonçalo Mabunda utiliza armas desativadas e abandonadas nas suas poderosas esculturas que abordam o impacto da guerra. Em *Os 6 Caminhos para o Labirinto* Mabunda reinventa a tradicional escultura em madeira Makonde, fabricando seis totens imensos com peças de automóveis. Os rostos de cada totem refletem resiliência e esperança, ultrapassando a memória coletiva do país sobre a sua guerra civil.

A memória também desempenha um papel crucial na *Ironwork Wall Hanging (Found Frame Blue Gear)* de Bob Dylan, situada em frente aos totens de Mabunda. Tendo crescido na Cordilheira do Ferro da América, Dylan esteve rodeado pela indústria do ferro. A sua escultura, criada a partir de objetos encontrados, como engrenagens e ferramentas, mostra-nos o nosso passado e as ferramentas que moldaram o nosso presente. Tanto Dylan como Mabunda impregnam as suas obras de um rico simbolismo e significado: As peças de ferro de Dylan evocam muitas vezes um sentido de história, de nostalgia e americana, enquanto as esculturas de Mabunda têm um profundo peso metafórico, abordando questões como o conflito, o colonialismo e a resiliência do espírito humano, muitas vezes com base na experiência pessoal de crescer em Moçambique pós-guerra civil.

A tecelagem é uma tradição artística que atravessa culturas, representada nesta coleção por Anastasia Azure e Lizette Chirime. O uso de nylon e metais por Azure reimagina o que a tecelagem

convey a personal journey, reflected in the stitching of her abstract forms.

The connection between American and African culture is deeply intertwined, spanning centuries and encompassing artistic expression and social movements. Kwame Brathwaite, an influential photographer, was a key figure in the African American cultural scene, particularly during the 1960s. Known for documenting the Black Arts movement and the Black is Beautiful movement, Brathwaite's work can be seen as part of a larger cultural movement that sought to reconnect African Americans with their African roots. This movement manifested not only in the visual arts but also in music, literature, and other forms of cultural expression. By showcasing African-inspired fashion and hairstyles in his photographs, Brathwaite contributed to a broader reclamation of African heritage within African American communities.

The permanent collection provides a rich and diverse range of artworks spanning landscapes, portraits, scenes of daily life, cultural traditions, and historical narratives. These works offer a unique opportunity to explore the intersections of and contrasts between American and Mozambican art, showcasing how artists from both cultures express themselves through various materials and mediums. The connection between American and African art is rich with creativity, resilience, and cultural significance, reflecting complex histories, identities, and human experiences. It serves as a powerful tool for social change and cultural exchange.

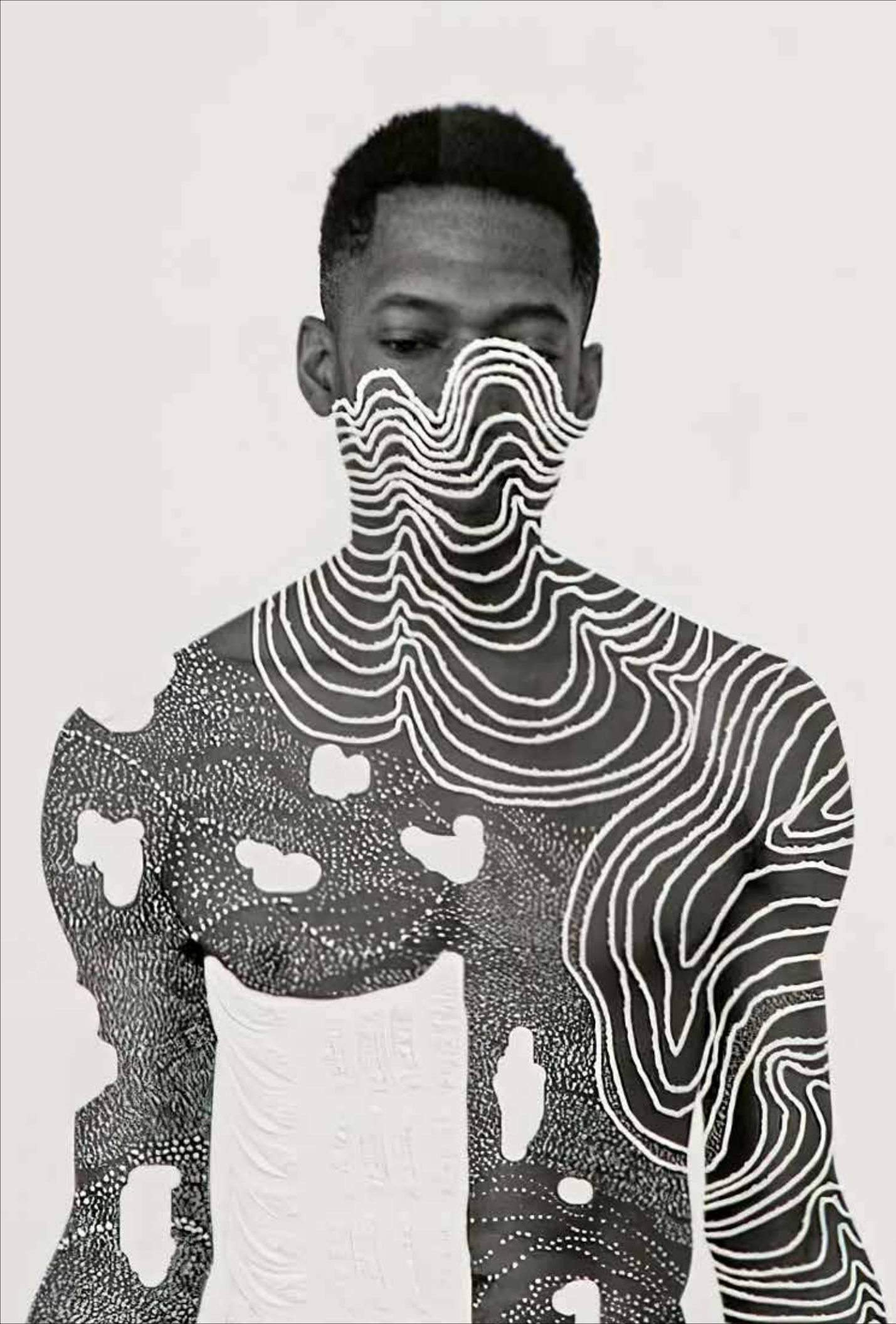
Imtiaz Hafiz, *Curator*

pode ser. Instaladas em toda a embaixada, as suas esculturas evocam uma sensação de serenidade através das suas formas florais geométricas. As técnicas características da artista moçambicana Lizette Chirime envolvem a tecelagem e a escultura com roupas descartadas e restos de tecido em instalações de grande escala. Ao reaproveitar esses materiais, cria obras de arte visualmente deslumbrantes que levantam questões importantes sobre consumismo, desperdício e sustentabilidade. *Meditation Side Effects* usa métodos tradicionais de tecelagem para transmitir uma jornada pessoal, refletida na costura das suas formas abstratas.

A ligação entre a cultura americana e africana está profundamente demonstrada, atravessando séculos e abrangendo a expressão artística e os movimentos sociais. Kwame Brathwaite, um fotógrafo influente, foi uma figura fundamental na cena cultural afro-americana, especialmente durante a década de 1960. Conhecido por documentar o movimento das Artes Negras e o movimento Black is Beautiful, o trabalho de Brathwaite pode ser visto como parte de um movimento cultural mais amplo que procurou reconectar os afro-americanos com as suas raízes africanas. Este movimento manifestou-se não apenas nas artes visuais, mas também na música, literatura e outras formas de expressão cultural. Ao apresentar moda e penteados de inspiração africana nas suas fotografias, Brathwaite contribuiu para uma recuperação mais ampla da herança africana nas comunidades afro-americanas.

A coleção permanente oferece uma gama rica e diversificada de obras de arte que abrangem paisagens, retratos, cenas da vida quotidiana, tradições culturais e narrativas históricas. Estas obras oferecem uma oportunidade única para explorar as interseções e contrastes entre a arte americana e moçambicana, mostrando como os artistas de ambas as culturas se expressam através de vários materiais e meios. A ligação entre a arte americana e africana é rica em criatividade, resiliência e significado cultural, refletindo histórias, identidades e experiências humanas complexas. Serve como uma ferramenta poderosa para a mudança social e o intercâmbio cultural.

Imtiaz Hafiz, *Curador*



Anastasia Azure
Stephanie Bachiero
Filipe Branquinho
Kwame Brathwaite
Chaleque
Lizette Chirrine
Katy Cowan
Tracy Crump
Datinho
Heather Day
Bob Dylan
Alexander Kori Girard
Jen Guyton
Alice Hope
Cody Hoyt
Teles Khossa
Beryl Korot
Nate Lewis
Gonçalo Mabunda
Rose Marcus
John McAllister
Estevão Mucavele
Cassi Namoda
Ulisses Gomes Oviedo
Kianja Strobert
William T. Williams
Brenna Youngblood

Anastasia Azure uses a traditional floor loom to integrate an ancient Peruvian weaving technique with contemporary materials to create sculptures with a strong spiritual quality. The artwork traverses the passage of time, remembering sacred practices, honoring handcrafts, and innovating designs that connect to the natural world to evoke states of well-being. The nine sculptures in the Embassy mirror the graceful aquatic movement of Maputo Bay and have color palettes that resonate with the ocean, sky, and sunlight.

Azure earned a Master of Fine Arts degree in textiles from the Rhode Island School of Design, Providence; a Bachelor of Fine Arts degree in jewelry metal arts from the California College of the Arts, Oakland; and trained professionally as a goldsmith at the Revere Academy of Jewelry Arts, San Francisco. She has been artist-in-residence at the Appalachian Center for Craft in Smithville, Tennessee, and the University of Massachusetts in Dartmouth. Her work has been exhibited throughout the world and has won many awards, including three Niche Awards. Azure maintains a studio in Rhode Island and travels the world teaching textile and jewelry workshops.

Anastasia Azure utiliza um tear de chão tradicional para integrar uma antiga técnica de tecelagem peruana com materiais contemporâneos para criar esculturas com uma forte qualidade espiritual. As obras de arte percorrem a história, recordando práticas sagradas, honrando o artesanato e inovando desenhos que se ligam ao mundo natural para evocar estados de bem-estar. As nove esculturas da Embaixada refletem o gracioso movimento aquático da Baía de Maputo e têm paletas de cores que ressoam com o oceano, o céu e a luz do sol.

Azure obteve um mestrado de Belas-Artes em têxteis da Escola de Desenho de Rhode Island, em Providence, um bacharelato de Belas-Artes em artes em joalheria e metais da Faculdade de Artes da Califórnia, em Oakland, e formou-se profissionalmente como ourives na Academia de Artes em Joalheria Revere, em São Francisco. Foi artista em residente no Centro de Artesanato de Appalachia, em Smithville, Tennessee, e na Universidade de Massachusetts, em Dartmouth. O seu trabalho foi exposto em todo o mundo e ganhou muitos prêmios, incluindo três prêmios Niche. Azure mantém um estúdio em Rhode Island e viaja pelo mundo a realizar workshops de têxteis e joalheria.











Stephanie Bachiero utilizes porcelain clay to form elegant, seemingly undulating, minimalist sculptures. She views them as a way of thinking and communicating what she often can't speak, as she suffered severe head trauma in college that impaired her cognitive function and completely shifted the trajectory of her life. Her work is a vessel to restructure the life she lost intellectually, as she is able to stretch her mind and feel the subtle strength and resilience of her sculptures reflected in herself, and it is soothing. Her sculptures balance strength and fragility, and their refined, flowing forms mask the complexity of their creation — which requires painstaking attention to the material's temperamental qualities. In the process of creation, she engages with form, logic, and limitation, tangling her personal process of healing with the creative process of her work. The result is lyrical forms that push and pull, expand and contract, creating a tension present in the conscious mind and in the human body.

Bachiero earned a Bachelor of Fine Art Studio degree from Boston College and has exhibited throughout Southern California and abroad. Her work was featured in the New York Armory show and exhibited at the Laguna Art Museum, Laguna Beach, California, and the Smithsonian Institution, Washington, D.C.

Stephanie Bachiero utiliza caulino para formar esculturas elegantes, aparentemente ondulantes e minimalistas. Ela vê as esculturas como uma forma de pensar e comunicar o que muitas vezes não consegue dizer, pois sofreu um traumatismo craniano grave na faculdade que afetou a sua função cognitiva e mudou completamente a trajetória da sua vida. O seu trabalho é um veículo para reestruturar a vida que perdeu, intelectualmente, pois é capaz de esticar a mente e sentir a força sutil e a resiliência das suas esculturas refletidas em si própria, e isso é reconfortante. As suas esculturas equilibram força e fragilidade, e as suas formas refinadas e fluidas escondem a complexidade da sua criação - algo que requer uma atenção meticulosa às qualidades temperamentais do material. No processo de criação, a artista envolve-se com a forma, a lógica e a limitação, ligando o seu processo pessoal de cura ao processo criativo do seu trabalho. O resultado são formas líricas que empurram e puxam, expandem e contraem, criando uma tensão presente na mente consciente e no corpo humano.

Bachiero obteve um bacharelato de Belas-Artes da Faculdade de Boston e expôs as suas obras em todo o sul da Califórnia e no estrangeiro. O seu trabalho foi apresentado na Armory Show de Nova Iorque e exposto no Museu de Arte de Laguna, em Laguna Beach, Califórnia, e no Instituto Smithsonian, em Washington, D.C.



Filipe Branquinho

Photographer and illustrator Filipe Branquinho was born in Maputo during Mozambique's civil war and grew up surrounded by journalists and artists. Raised around and inspired by some of the country's most famous photographers, his own work focuses on social issues and the daily reality of living in Mozambique and the intersection of folklore, mythology, and urban life.¹ *Radio Mozambique, Discoteca*, taken at Mozambican Radio RM in Maputo, is part of *Interior Landscapes*, a series of twenty-four photos that journey through historic public and semi-public spaces throughout Maputo.

Branquinho's work has been shown in group exhibitions in Mozambique, Brazil, Portugal, South Africa, and Italy and solo exhibitions in Mozambique, Brazil, and France. He has won several awards, including the Contemporary African Photography Prize, and his *Interior Landscape* series was chosen for the main exhibition at the 10th African Biennale.

O fotógrafo e ilustrador Filipe Branquinho nasceu em Maputo durante a guerra civil de Moçambique e cresceu rodeado de jornalistas e artistas. Tendo crescido rodeado e inspirado por alguns dos fotógrafos mais famosos do país, o seu trabalho centra-se em questões sociais e na realidade quotidiana da vida em Moçambique e na intersecção do folclore, da mitologia e da vida urbana.¹ *Rádio Moçambique, Discoteca*, tirada na Rádio Moçambicana RM em Maputo, faz parte de *Paisagens Interiores*, uma série de vinte e quatro fotografias que percorrem espaços públicos e semipúblicos históricos em Maputo.

O trabalho de Branquinho tem sido apresentado em exposições coletivas em Moçambique, Brasil, Portugal, África do Sul e Itália, assim como em exposições individuais em Moçambique, Brasil e França. Branquinho ganhou vários prémios, incluindo o Prémio de Fotografia Africana Contemporânea, e a sua série *Paisagens Interiores* foi escolhida para ser a exibição principal da 10ª Bienal Africana.





Kwame Brathwaite

Kwame Brathwaite's photographs were specifically intended to shape the course of American visual discourse. Inspired in part by the writings of political activist Marcus Garvey, Brathwaite, his brother Elombe Brath, and the African Jazz Arts Society and Studios (AJASS) coined the phrase *Black is Beautiful* in the late 1950s and early 1960s. Brathwaite helped to popularize and spread the idea through his writings and photos, many of which feature a group he co-founded: Grandassa Models. Taken from the term Grasslands, which African Nationalist Pioneer Movement leader Carlos Cooks used to refer to Africa, the group was formed to "make women feel proud of their hair, proud of their blackness."² The dark-skinned models designed their own African-inspired clothes, wore natural hairstyles untouched by heat tools, and had a variety of body types.

Brathwaite's work shows how artistic and political vision can affect change in pop culture, and how pop culture can affect change on culture at large. His reporting and photography for leading Black publications such as the *Amsterdam News*, *City Sun*, and the *Daily Challenge* in the 1960s helped to set the stage for the Black Arts and Black Power movements. Throughout his career, Brathwaite photographed public figures such as Stevie Wonder, Bob Marley, James Brown, Muhammad Ali, and Nelson Mandela. He was personally involved with the struggle for independence in a number of African countries, namely Namibia, and titled a recent exhibition *The Struggle Continues, Victory is Certain*, which was a rallying cry during Mozambique's war for independence. His work has been widely exhibited and is held in the permanent collections of the Smithsonian's National Portrait Gallery, Washington, D.C; the Museum of Modern Art, New York; the Whitney Museum of American Art, New York; and the Los Angeles County Museum of Art, among many others.

As fotografias de Kwame Brathwaite tinham como objetivo específico moldar o curso do discurso visual americano. Inspirado em parte pela escrita do ativista político Marcus Garvey, Brathwaite, o seu irmão Elombe Brath e a Associação Africana de Artes e Estúdios de Jazz (AJASS) cunharam a frase *Black is Beautiful* ("Preto é Belo") no final da década de 1950 e início da década de 1960. Brathwaite ajudou a popularizar e a divulgar a ideia através da sua escrita e das suas fotografias, muitas das quais apresentam um grupo que ele cofundou: As Modelos Grandassa. Baseado no termo Grasslands (Prados), que Carlos Cooks, o líder do Movimento Nacionalista Pioneiro Africano, utilizou para se referir à África, o grupo foi formado para "fazer com que as mulheres se sintam orgulhosas do seu cabelo, orgulhosas da sua negrura."² As modelos de pele escura desenharam as suas próprias roupas de inspiração africana, usaram penteados naturais sem ferramentas de aquecimento e tinham uma variedade de tipos de corpo.

O trabalho de Brathwaite mostra como a visão artística e política pode influenciar alterações na cultura popular, e como a cultura popular pode influenciar alterações na cultura em geral. As suas reportagens e fotografias para as principais publicações negras, como, por exemplo, o *Amsterdam News*, o *City Sun* e o *Daily Challenge*, na década de 1960, ajudaram a preparar o terreno para os movimentos Black Arts e Black Power. Ao longo da sua carreira, Brathwaite fotografou figuras públicas como, por exemplo, Stevie Wonder, Bob Marley, James Brown, Muhammad Ali e Nelson Mandela. Ele esteve pessoalmente envolvido na luta pela independência de vários países africanos, nomeadamente a Namíbia, e intitulou uma exposição recente "*A Luta Continua, a Vitória é Certa*", que foi um grito de guerra durante a guerra pela independência de Moçambique. O seu trabalho tem sido amplamente exibido e faz parte das coleções permanentes da Galeria de Retratos Nacional do Smithsonian, em Washington, D.C.; do Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque; do Museu de Arte Americana Whitney, em Nova Iorque; e do Museu de Arte do Condado de Los Angeles, entre muitos outros.

12 | *Untitled (Grandassa Models, Merton Simpson Gallery)* | *Sem título*
(Modelos Grandassa, Galeria Merton Simpson)



13 | *Untitled (Pat Bardonnelle on the Apollo Theater Stage during performance by Grandassa Models and AJASS Repertory Theater)* | *Sem título (Pat Bardonnelle no palco do Teatro Apollo durante a atuação pelas Modelos Grandassa e pelo Teatro de Repertório AJASS)*



Chaleque

Multidisciplinary artist Chaleque works with recycled materials such as aluminum cans, zinc sheets, and wood. *Residencia VII* is part of a series intended to draw attention to Maputo's housing crisis; due to circumstances such as climate change and poverty, many citizens have to get creative in order to put roofs over their heads. Chaleque graduated with a degree in visual arts from the Instituto Superior de Artes e Cultura, Machava, Mozambique, and his work has been shown in several exhibitions.

O artista multidisciplinar Chaleque trabalha com materiais reciclados, como, por exemplo, latas de alumínio, chapas de zinco e madeira. A *Residência VII* faz parte de uma série destinada a chamar a atenção para a crise habitacional de Maputo; devido a circunstâncias como, por exemplo, as alterações climáticas e a pobreza, muitos cidadãos têm de ser criativos para poderem ter um teto. Chaleque licenciou-se em artes plásticas no Instituto Superior de Artes e Cultura, em Machava, Moçambique, e o seu trabalho tem sido apresentado em várias exposições.



Lizette Chirrime creates textile works on canvas made of abstract forms rendered in a collage of printed fabrics. “These abstract forms evoke the human body and my identity-responsive practice where I refashion my self-image and transcend a painful upbringing that left me shattered and broken. I literally ‘re-stitched’ myself together. These liberated ‘souls’ are depicted ‘dancing’ on the canvas, bringing to mind well-dressed African women celebrating” says Chirrime. “My work is guided and influenced by water, the female, and a combination of happiness and sadness.” The artist prefers working with recycled materials to address themes of overconsumption and to keep from placing a further strain on the environment.

Meditation Side Effects is a work that was conceived in a moment of transition when Chirrime moved countries for the second time. The adjustment to a different environment taught her to let her “soul, spirit, and body adapt and to search for a common sense of life.” This piece interprets meditation and the reminder that change starts within us. *Meditation Side Effects* “addresses love found in pain narrated by using colorful fabrics in red and blue, with red representing life and blue representing water.”

Lizette Chirrime cria obras têxteis em telas, com formas abstratas, numa colagem de tecidos estampados. “Estas formas abstratas evocam o corpo humano e a minha prática adaptada à identidade, na qual remodelo a minha autoimagem e transcendendo uma educação dolorosa que me deixou destroçada e abatida. Literalmente, “refiz-me” a mim própria. Estas ‘almas’ libertadas são representadas a ‘dançar’ na tela, invocando a imagem de mulheres africanas bem vestidas a celebrar”, diz Chirrime. “O meu trabalho é guiado e influenciado pela água, pelo feminino e por uma combinação de felicidade e tristeza.” O artista prefere trabalhar com materiais reciclados para abordar temas de consumo excessivo e para não sobrecarregar ainda mais o ambiente.

Efeitos Secundários da Meditação é uma obra que foi concebida num momento de transição, quando Chirrime mudou de país pela segunda vez. A adaptação a um ambiente diferente ensinou-a a deixar a “alma, o espírito e o corpo adaptarem-se e a procurar um senso comum da vida.” Esta peça interpreta a meditação e a lembrança de que a mudança começa dentro de nós. *Efeitos Secundários da Meditação* “aborda o amor encontrado na dor narrada através da utilização de tecidos coloridos em tons de vermelho e azul, com o vermelho a representar a vida e o azul a representar a água.”



In Katy Cowan's artwork, she reproduces objects in materials that push those objects into new areas of association. The objects are often simple tools — 2×4s, bricks, hammers, plywood, and ropes — that she remakes in metal, fabric, wax, and paint, chosen because they can easily walk between representation and abstraction. Both pieces in the collection are bronze and fabric versions of various tools. For *Still; Reversed Variations*, she cast bronze segments of rebar and saw handles, painted them, and worked to visually tie the bronze elements together with heavy lines of hand-braided fabric ropes. In the resulting composition, hard and soft materials collide, and the viewer's attention ricochets between abstraction, representation, and material play. In *Night Holes and Rope (Galactic Drawing Position)*, the bronze casting process is made very apparent to the viewer. Cowan positioned the ropes to create a large space for splashed metal to seize in position and be painted in such a way that evokes abstraction, the expanse of the night sky, and a reference to the actual rope. After Art in Embassies acquired her work, Cowan was inspired to expand her knowledge of Mozambiquan art — which had been focused on the history of Makonde carvings — to the rich history of woodcarving and metalwork, and the bold abstractions of painters throughout Mozambique's modern and contemporary periods.

Cowan earned her Bachelor of Fine Arts degree from the University of Puget Sound in Washington and her Master of Fine Arts degree from the Otis College of Art and Design in Los Angeles. Her work has been exhibited at Philip Martin Gallery, Los Angeles; Kate Werble Gallery, New York; the Green Gallery, Milwaukee; DOCUMENT, Chicago; Fourteen30 Contemporary, Portland, Oregon; and the Madison Museum of Contemporary Art, Wisconsin, among others. Cowan's work is in public and private collections such as the Minneapolis Museum of Art; Lynden Sculpture Garden, Milwaukee; and Northwestern Mutual Insurance, Milwaukee. She lives and works in Berkeley, California.

Na sua obra, Katy Cowan reproduz objetos em materiais que os empurram para novas áreas de associação. Os objetos são frequentemente ferramentas simples - tábuas de madeira 2×4, tijolos, martelos, contraplacado e cordas - que a artista refaz em metal, tecido, cera e tinta, escolhidos por poderem facilmente caminhar entre a representação e a abstração. Ambas as peças da coleção são versões em bronze e tecido de várias ferramentas. Para *Ainda; Variações Revertidas*, a artista fundiu segmentos de bronze de barras de reforço e cabos de serra, pintou-os e trabalhou para unir visualmente os elementos de bronze com linhas pesadas de cordas de tecido trançadas à mão. Na composição resultante, materiais duros e macios colidem e a atenção do observador ricocheteia entre abstração, representação e jogo material. Em *Buracos Noturnos e Corda (Posição de Desenho Galáctico)*, o processo de fundição do bronze é bem visível para o espectador. Cowan posicionou as cordas de forma a criar um grande espaço para que o metal salpicado se fixasse na sua posição e fosse pintado de forma a evocar a abstração, a extensão do céu noturno e uma referência à corda em si. Após a Art in Embassies (Arte nas Embaixadas) ter adquirido o seu trabalho, Cowan sentiu-se inspirada a expandir o seu conhecimento da arte moçambicana - que se tinha centrado na história das esculturas Makonde - para a rica história da escultura em madeira e da metalurgia, e para as abstrações arrojadas dos pintores dos períodos moderno e contemporâneo de Moçambique.

Cowan obteve o seu bacharelato em Belas-Artes da Universidade de Puget Sound em Washington e o seu mestrado em Belas-Artes do Colégio de Arte e Desenho Otis, em Los Angeles. O seu trabalho foi exibido na Galeria Philip Martin, em Los Angeles; na Galeria Kate Werble, em Nova Iorque; na Galeria Green, em Milwaukee; na DOCUMENT, em Chicago; na Fourteen30 Contemporary, em Portland, no Oregon; e no Museu de Arte Contemporânea Madison, no Wisconsin, entre outros. O trabalho de Cowan encontra-se em coleções públicas e privadas como, por exemplo, o Museu de Arte de Mineápolis; o Jardim de Esculturas de Lynden, em Milwaukee; e na Northwestern Mutual Insurance, em Milwaukee. Vive e trabalha em Berkeley, Califórnia.







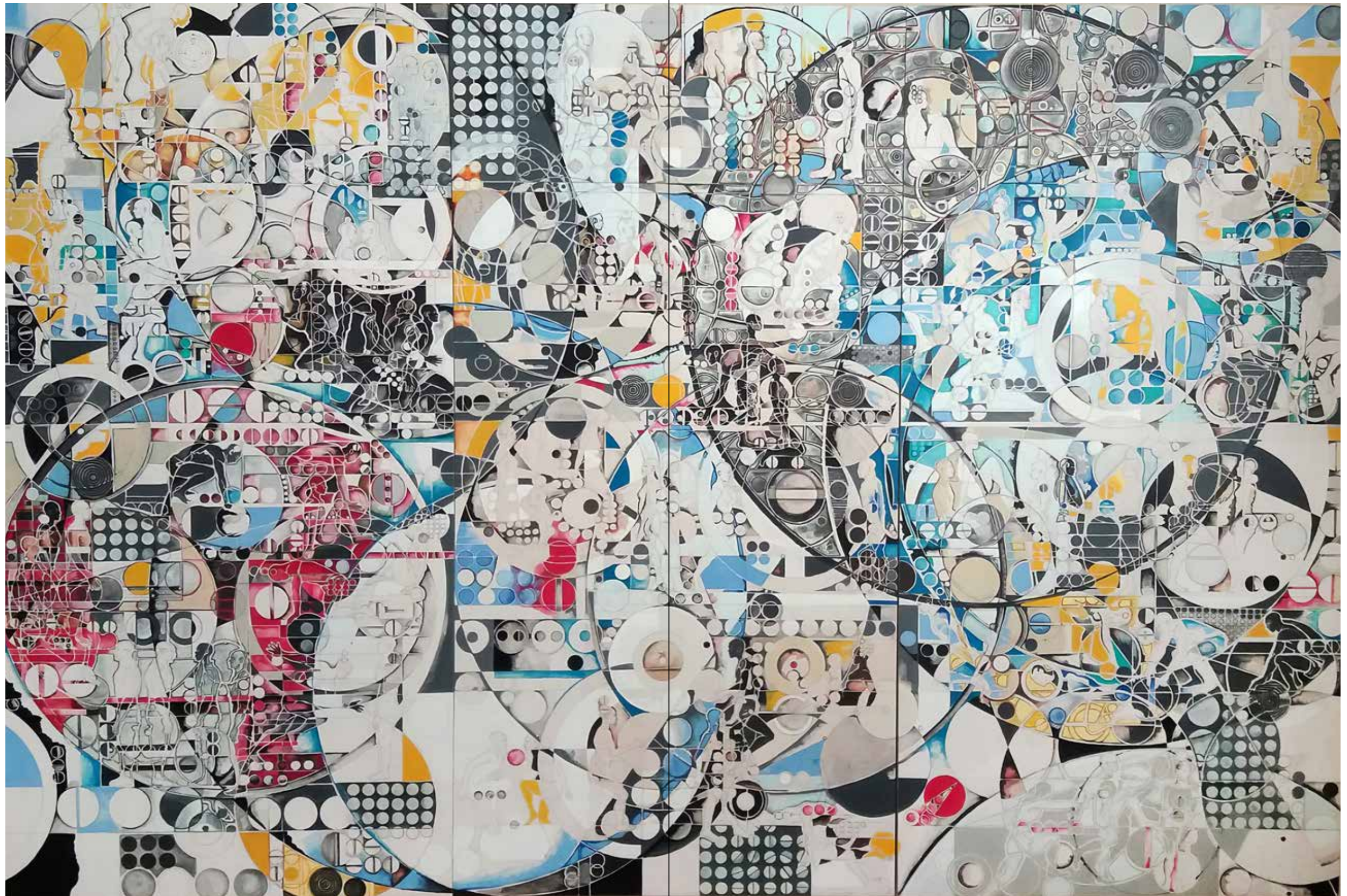
Tracy Crump

Tracy Crump created *World O World* in the spirit of gift giving. Representative of past, present, and future gifts of friendship, skills, love, and technology, the piece reflects the beauty of Mozambique and the unique contributions its people offer the world. Created on three wood panels with pencil, watercolor, and acrylic paint, the site-specific commission is also reflective of people all over the world and the gifts we can offer to each other.

A self-taught artist, Crump rarely plans ahead; she just starts drawing or painting and lets the work take form. Rarely does she give her own interpretation of a piece, only a title. Creating art is “the same as drinking water” for her. Though she has mainly worked with acrylics, watercolors, inks, or pencil, she has recently been experimenting with other mediums and exploring all subject matter. Crump counts her son Michael as her greatest source of encouragement and inspiration, and she is also inspired by her love for all people and her love of life. She lives and works in Chicago.

Tracy Crump criou a *Mundo O Mundo* no espírito de oferecer presentes. Representativa de dádivas-passadas, presentes e futuras de amizade, competências, amor e tecnologia, a peça reflete a beleza de Moçambique e as contribuições únicas que o seu povo oferece ao mundo. Criada em três painéis de madeira com lápis, aguarela e tinta acrílica, a encomenda específica deste local é também um reflexo das pessoas de todo o mundo e das dádivas que podemos oferecer uns aos outros.

Artista autodidata, Crump raramente planeia com antecedência; começa simplesmente a desenhar ou a pintar e deixa a obra tomar forma. Raramente dá a sua própria interpretação de uma peça, apenas o título. Para ela, criar arte é “o mesmo que beber água”. Embora tenha trabalhado principalmente com acrílicos, aguarelas, tintas ou lápis, tem vindo recentemente a experimentar outros meios e a explorar todos os temas. Crump considera o seu filho Michael a sua maior fonte de encorajamento e inspiração, sendo também inspirada pelo seu amor por todas as pessoas e pelo seu amor pela vida. Vive e trabalha em Chicago.



Datinho’s paintings are characterized by brush-strokes that evoke the appearance of raindrops. Inspired by the walls of the zinc and reed houses in which he slept as a child, the artist paints the rural landscapes of his hometown of Chibuto in Mozambique’s Gaza province. “I work with bulky (which I affectionately call full) and feminine body models,” he says. The dog figure present in all his works is symbolic: “I use it to tell through him what goes in the soul of the floods.”

Datinho’s love for art began as a teen when he started painting stalls, hairdressing salons, and other local spaces after an encounter with Zeidine Jalilo Maulide, who later became his friend and mentor. Later, he began to paint on canvas and worked at improving his skills for five years on his own before attending the Higher Institute of Art and Culture in Maputo. Datinho — the moniker for Datinho Joaquim Saimone Napuí — is a professor of visual education at Escola Secundaria De Infulene and a member of Associacao Núcleo de Arte, both in Maputo, and his work has been shown in multiple exhibitions, including the Go go Maputo Art Fair, the TDM Biennial, and at the Kulungwana Art Gallery, Maputo. He maintains a studio in the Choupal area in Maputo, where he also works as a musician and writer.

As pinturas de Datinho são caracterizadas por pinceladas que evocam a aparência de gotas de chuva. Inspirado nas paredes das casas de zinco e junco onde dormia em criança, o artista pinta as paisagens rurais da sua cidade natal, Chibuto, na província de Gaza, em Moçambique. «Trabalho com modelos de corpos volumosos (que eu chamo carinhosamente de cheios) e femininos», diz ele. A figura do cão presente em todas as suas obras é simbólica, “utilizo-a para transmitir, através dele, o que vai na alma das cheias”

A paixão de Datinho pela arte começou na adolescência, quando começou a pintar bancas, salões de cabeleireiro e outros espaços locais após um encontro com Zeidine Jalilo Maulide, que mais tarde se tornou seu amigo e mentor. Mais tarde, começou a pintar sobre tela e trabalhou por conta própria durante cinco anos para melhorar as suas capacidades, antes de frequentar o Instituto Superior de Arte e Cultura, em Maputo. Datinho - o apelido para Datinho Joaquim Saimone Napuí - é professor de educação visual na Escola Secundária De Infulene e membro da Associação Núcleo de Arte, ambos em Maputo, e o seu trabalho tem sido mostrado em múltiplas exposições, incluindo a Feira de Arte Go go go de Maputo, a Bienal TDM, e a Galeria de Arte Kulungwana, em Maputo. Ele mantém um estúdio na zona do Choupal, em Maputo, onde também trabalha como músico e escritor.



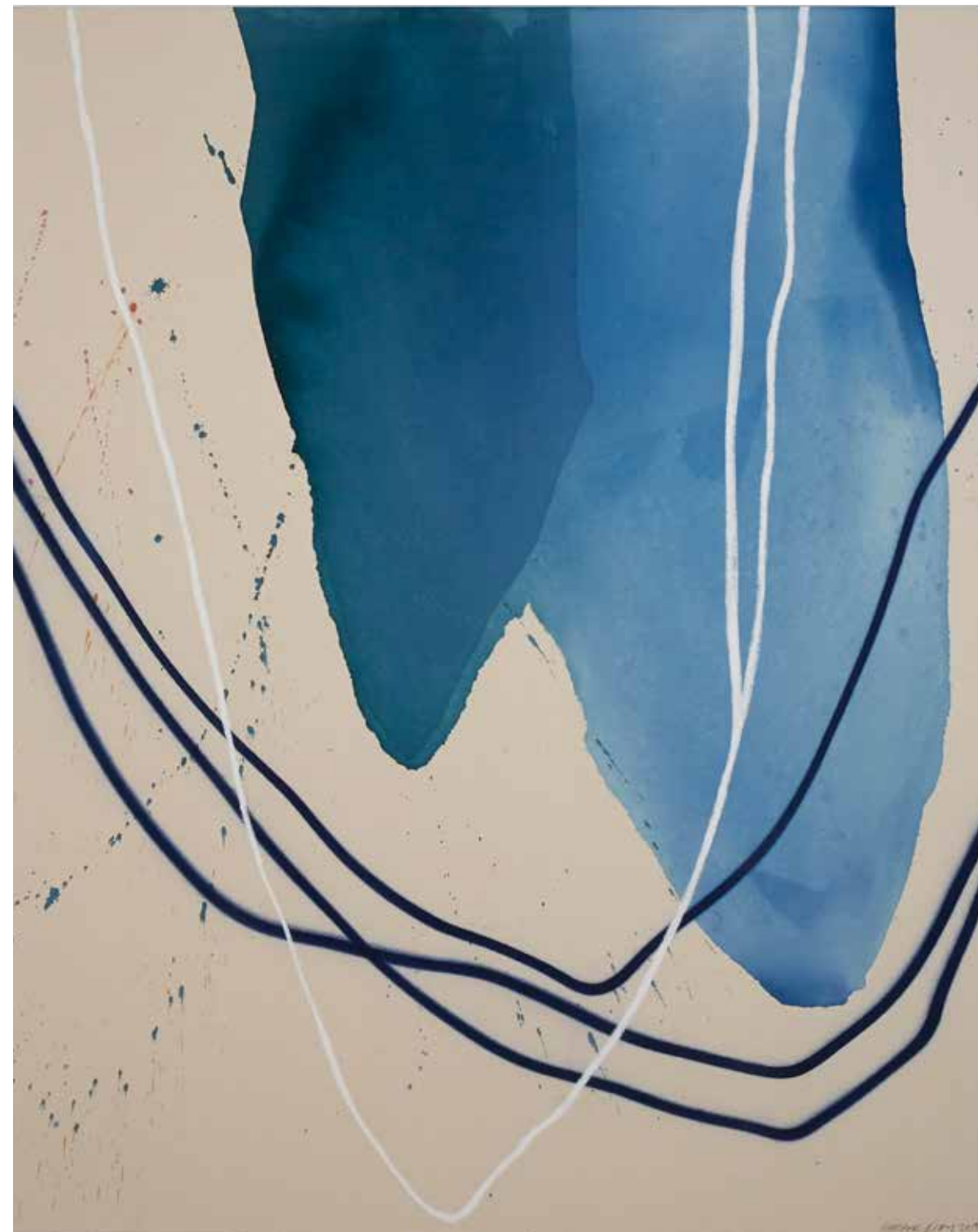
Heather Day

Heather Day makes sensory interpretations of the natural world. By studying textures, colors, sounds and movements, she translates moments into visual stories that convey interaction. Her process demands motion — not only from the body as she pours and manipulates paint — but also in perspective. Her encompassing murals, spacious canvas paintings, and intimate drawings read like handwriting — from one side to another. *Sometimes I mirror You #5½* is inspired by Maputo's location on the Indian Ocean, where the rivers Tembe, Mbuluzi, Matola, and Infulene converge. It abstracts the concept of converging ideas through depicting movement in water, creating a lexicon of marks acting as an evolving language reacting both to the surrounding bodies of water and intricate architectural details.

Day received a Bachelor of Fine Arts degree in painting and art history from the Maryland Institute College of Art, Baltimore. She has held solo exhibitions with Fort Wayne Museum of Art, Indiana; Diane Rosenstein Gallery, Los Angeles; and Anna Zorina Gallery, New York. Her work is held in the private collections of the Fort Wayne Museum of Art, Fidelity Investments, the Chicago Philharmonic, and Warner Brothers, among others.

Heather Day faz interpretações sensoriais do mundo natural. Através do estudo de texturas, cores, sons e movimentos, ela traduz momentos em histórias visuais que transmitem interação. O seu processo exige movimento - não apenas do corpo enquanto derrama e manipula a tinta - mas também em perspectiva. Os seus murais abrangentes, pinturas em telas espaçosas e desenhos íntimos parecem escritos à mão - de um lado para o outro. *Às vezes imito-te #5½* é inspirado na localização de Maputo no Oceano Índico, onde convergem os rios Tembe, Mbuluzi, Matola e Infulene. Ele abstrai o conceito de ideias convergentes através da representação do movimento na água, criando um léxico de marcas que atua como uma linguagem em evolução que reage tanto às massas de água circundantes como aos complexos detalhes arquitetônicos.

Day obteve um bacharelato de Belas-Artes em pintura e história da arte da Faculdade de Artes do Instituto de Maryland, em Baltimore. Ela realizou exposições individuais no Museu de Arte de Fort Wayne, no Indiana; na Galeria Diane Rosenstein, em Los Angeles; e na Galeria Anna Zorina, em Nova Iorque. O seu trabalho faz parte das coleções privadas do Museu de Arte de Fort Wayne, da Fidelity Investments, da Filarmónica de Chicago e da Warner Brothers, entre outras.



Bob Dylan

“I’ve been around iron all my life . . . I was born and raised in iron ore country — where you could breathe it and smell it every day. And I’ve always worked with it in one form or another. Gates appeal to me because of the negative space they allow. They can be closed but at the same time they allow the seasons and breezes to enter and flow. They can shut you out or shut you in. And in some ways, there is no difference.”

Growing up in Minnesota’s Iron Range, internationally known singer, songwriter, and artist Bob Dylan was surrounded by the influence of industry: the hulking machinery and huge work-force going to and from the mines, the truckloads of taconite rock and rust-colored hematite ore being driven down to the port. The influence of iron and nature on Dylan’s youth is also the juxtaposition contained within his *Ironworks*: the material of the structures and the division of landscape that they represent. With their symbolic potential, *Ironworks* reveal a reverence for the past, for industry and agriculture now being consigned to the past in our developed world. As opposed to the relentless march of technology, the artist’s faith is still in the soil and the hand and the tool.

Over five decades, Dylan has released over fifty albums and written more than 500 songs. His songs have been covered by artists as diverse as Duke Ellington, Jimi Hendrix, the Rolling Stones, Stevie Wonder, U2, and Adele. Among many other awards, he won the Nobel Prize in literature in 2016 and was awarded the Presidential Medal of Freedom by President Barack Obama. He has been a visual artist since 1960, and his works have been exhibited widely across the globe. In 2021, a six decade survey of Dylan’s visual and musical literary works were on view at The Patricia & Phillip Frost Art Museum.

“Vivi rodeado de ferro toda a vida... Nasci e cresci na terra do minério de ferro - onde se respirava e cheirava o ferro todos os dias. E sempre trabalhei com ele, de uma forma ou de outra. Os portões atraem-me devido ao espaço negativo que permitem. Podem ser fechados, mas, ao mesmo tempo, permitem que as estações e as brisas entrem e fluam. Podem impedir a nossa entrada ou a nossa saída. E, nalguns aspetos, não há qualquer diferença.”

Ao crescer na região de Iron Range, no Minnesota, Bob Dylan, o cantor, compositor e artista internacionalmente conhecido, esteve rodeado pela influência da indústria: a maquinaria gigantesca e a enorme força de trabalho que ia e vinha das minas, os camiões carregados de pedra taconite e minério de hematite cor de ferrugem que desciam até ao porto. A influência do ferro e da natureza na juventude de Dylan é também a justaposição contida na sua obra *Siderurgia*: o material das estruturas e a divisão da paisagem que elas representam. Com o seu potencial simbólico, *Siderurgia* revela uma reverência pelo passado, pela indústria e pela agricultura, atualmente relegadas para o passado no nosso mundo desenvolvido. Em oposição à marcha incessante da tecnologia, a fé do artista continua a estar na terra, na mão e na ferramenta.

Ao longo de cinco décadas, Dylan lançou mais de cinquenta álbuns e escreveu mais de 500 canções. As suas canções foram interpretadas por artistas tão diversos como Duke Ellington, Jimi Hendrix, os Rolling Stones, Stevie Wonder, U2 e Adele. Entre muitos outros prémios, ganhou o Prémio Nobel da Literatura em 2016 e foi galardoado com a Medalha Presidencial da Liberdade pelo Presidente Barack Obama. É artista plástico desde 1960 e as suas obras têm sido exibidas em todo o mundo. Em 2021, um inquérito de seis décadas sobre as obras literárias visuais e musicais de Dylan foi apresentado no Museu de Arte Patricia & Phillip Frost.



Alexander Kori Girard's paintings of nature scenes were inspired by his childhood in Santa Fe. Spending time with his prominent graphic designer grandfather — who was also a collector of folk art and graphic Navajo weavings — and walking with his father to see the pre-Columbian petroglyphs deeply impacted the artist, making him respect and value pictorial communication. While the iconography of those petroglyphs was clear, the meaning wasn't always so, similar to Girard's paintings. Often he paints on a subconscious level, figuring out the work's significance as he goes, not expecting the viewer to come away with the same story that is in his head. One thing he hopes his works always impart, though, is a reminder of the importance of humanity's connection to the Earth and a plea to get out into nature. In his view, we are at a crisis point with that relationship, and his use of ancient figures is meant to bring a slower focus to the ever-quickenening movement of culture and communication, encouraging the viewer to notice and learn from the natural world around them. *The Aquarius II* is titled in reference to Girard's astrological sign. In his research, he found the sign to be a steward of the water, just as humanity needs to be a protector of the water, keeping it free from pollution so that healthy plants, animals, and people can grow.

Girard earned a Bachelor of Fine Arts degree from the School of Visual Arts, New York, but prefers his flat, graphic style to his formal training. His work has been exhibited at Galley 16, San Francisco; Johansson Projects, Oakland, California; Paul Kopeikin Gallery, Los Angeles; the Berkeley Art Museum at the University of California; Layla, Brooklyn, New York; and the Center for Contemporary Arts, Santa Fe.

As pinturas de Alexander Kori Girard de cenas da natureza foram inspiradas pela sua infância em Santa Fé. O tempo que passou com o seu ilustre avô designer gráfico - que era também um colecionador de arte popular e de tecidos Navajo gráficos - e a passear com o seu pai para ver os petróglifos pré-colombianos teve um impacto profundo no artista, fazendo-o respeitar e valorizar a comunicação pictórica. Embora a iconografia desses petróglifos fosse clara, o significado nem sempre o era, à semelhança das pinturas de Girard. Muitas vezes, pinta a um nível subconsciente, descobrindo o significado da obra à medida que avança, sem esperar que o espectador saia com a mesma história que ele próprio tem na cabeça. No entanto, espera que as suas obras transmitam sempre uma mensagem que relembre a importância da ligação da humanidade à Terra e um apelo ao espectador para que estabeleça contacto com a natureza. Na sua opinião, estamos num ponto de crise com essa relação, e a sua utilização de figuras antigas tem como objetivo trazer um foco mais lento ao movimento em constante aceleração da cultura e da comunicação, encorajando o espectador a reparar e a aprender com o mundo natural que o rodeia. O título da *Aquário II* faz referência ao signo astrológico de Girard. Na sua investigação, descobriu que o signo é um administrador da água, tal como a humanidade precisa de ser um protetor da água, mantendo-a livre de poluição para que possam crescer plantas, animais e pessoas saudáveis.

Girard obteve um bacharelato de Belas-Artes na Escola de Artes Plásticas, em Nova Iorque, mas prefere o seu estilo gráfico e plano à sua formação formal. O seu trabalho foi exposto na Galley 16, em São Francisco; nos Johansson Projects, em Oakland, Califórnia; na Galeria Paul Kopeikin, em Los Angeles; no Museu de Arte de Berkeley, da Universidade da Califórnia; no Layla, em Brooklyn, Nova Iorque; e no Centro de Artes Contemporâneas, em Santa Fé.



Jen Guyton

Photographer and ecologist Jen Guyton has a passion for telling stories that motivate others to protect our wild places. Two of the photos in this collection were taken in central Mozambique’s Gorongosa National Park, a conservation success story. Devastated by civil war and heavy poaching, the park’s large mammals are becoming abundant again, and its biological richness is returning. People who share their space with wildlife who previously relied on slash and burn agriculture can now participate in a shade grown coffee project on Mount Gorongosa, making a sustainable livelihood while simultaneously replanting the rainforest. *Gorongosa Watering Hole*, an image co-created with Piotr Naskrecki late in the dry season at the last remaining pool of the Msicadzi River, was created by compositing dozens of frames taken over the course of one day. It illustrates the sheer number and diversity of animals that rely on this one pool of water, while showing that animals are recovering in this war-torn ecosystem. The camera was placed on time-lapse mode to take a photo every minute. The frames were simply overlaid to create the image, and none of the animals were moved during editing. Also enchanting during the park’s dry season is sunrise on the floodplain. Before the rains arrive, the clouds begin to gather, and the sun’s rays filter through the smoke from widespread bush fires. The fires are an important part of this type of ecosystem, keeping Africa’s iconic savannas from becoming woodlands. They also spur the grasses to shoot up nutritious new growth, causing the savanna to explode into brilliant green as soon as the first rains arrive. The fires, like this sunrise, are a new beginning. Together, they bathe the park in an otherworldly glow, a sure sign that the rains will soon arrive and revive the landscape. In *Gorongosa New Beginning*, a few male water-buck amble along the plain, waiting for the rains to come.

The two remining photos were taken in Mozambique’s Chimanimani National Park, near the Zimbabwe border. *Chimanimani: Traces of the Past* shows Late Stone Age rock paintings created by the San people (also called Bushmen). *Chimanimani: After the Storm* shows incredible rock dome in the heart of the park glowing orange as the sunset filters through storm clouds. As a National Geographic Explorer, Fulbright-National Geographic Storytelling Fellow, and a Fellow with the International League of Conservation photographer, Guyton has traveled on three continents, including ten years traveling and working on wildlife conservation projects in Africa. She has a Ph.D. in ecology and evolutionary biology from Princeton University, New Jersey, and a Bachelor of Science degree in conservation and resource studies from the University of California, Berkeley. Her photos have been published in *National Geographic Online*, *BBC Wildlife* magazine, *Biosphere*, and others, and she has been honored in various photography competitions including Wildlife Photographer of the Year and Nature’s Best.

A fotógrafa e ecologista Jen Guyton tem uma paixão por contar histórias que motivem os outros a proteger os nossos locais selvagens. Duas das fotografias desta coleção foram tiradas no Parque Nacional da Gorongosa, no centro de Moçambique, uma história de sucesso em matéria de conservação. Devastado pela guerra civil e pela caça furtiva, os grandes mamíferos do parque estão a tornar-se novamente abundantes e a sua riqueza biológica está a regressar. As pessoas que partilham o seu espaço com a vida selvagem e que anteriormente dependiam da agricultura de corte e queima podem agora participar num projeto de cultivo de café no Monte Gorongosa, criando um meio de subsistência sustentável e, ao mesmo tempo, replantando a floresta tropical. *Bebedouro da Gorongosa*, uma imagem cocriada com Piotr Naskrecki no final da estação seca no último reservatório remanescente do rio Msicadzi, foi criada através da composição de dezenas de imagens tiradas ao longo de um dia. Ilustra o grande número e a diversidade de animais que dependem deste reservatório de água, ao mesmo tempo que mostra que os animais estão a recuperar neste ecossistema devastado pela guerra. A câmara foi colocada no modo de lapso de tempo, para tirar uma fotografia a cada minuto. Os fotogramas foram simplesmente sobrepostos para criar a imagem, e nenhum dos animais foi movido durante a edição. Também encantador durante a estação seca do parque é o nascer do sol na planície aluvial. Antes da chegada das chuvas, as nuvens começam a acumular-se e os raios de sol filtram-se através do fumo dos incêndios florestais generalizados. Os incêndios são uma parte importante deste tipo de ecossistema, impedindo que as savanas icónicas de África se transformem em florestas. Também estimulam as gramíneas a brotarem novos rebentos nutritivos, fazendo com que a savana expluda num verde brilhante assim que chegam as primeiras chuvas. Os incêndios, tal como este nascer do sol, são um novo começo. Juntos, banham o parque com um brilho de outro mundo, um sinal seguro de que as chuvas chegarão em breve e reavivarão a paisagem. Na *Novo começo na Gorongosa*, alguns pivas machos passeiam pela planície, à espera da chegada das chuvas.

As duas fotografias remanescentes foram tiradas no Parque Nacional de Chimanimani, em Moçambique, perto da fronteira com o Zimbabuê. *Chimanimani: Vestígios do Passado* mostra pinturas rupestres da Idade da Pedra Tardia criadas pelo povo San (também chamado bosquímano). *Chimanimani: Após a Tempestade* mostra uma incrível cúpula rochosa no coração do parque a brilhar a laranja enquanto o pôr do sol filtra através das nuvens de tempestade. Como explorador da National Geographic, Membro Narrador da Fulbright-National Geographic e Membro da Liga Internacional de Fotógrafos de Conservação, Guyton viajou por três continentes, incluindo dez anos a viajar e a trabalhar em projetos de conservação da vida selvagem em África. Tem um doutoramento em ecologia e biologia evolutiva da Universidade de Princeton, Nova Jérsia, e um bacharelato em conservação e estudos de recursos da Universidade da Califórnia, Berkeley. As suas fotografias foram publicadas na *National Geographic Online*, na revista *BBC Wildlife*, na *Biosphere*, entre outras, e foi distinguida em vários concursos de fotografia, incluindo Wildlife Photographer of the Year e Nature’s Best.







Alice Hope

Installation artist Alice Hope was inspired by and felt a kinship with the Mozambiquan assemblage artists she met while on a research trip to Maputo. Made from resourceful materials unified and transformed into something immensely greater than the sum of their parts, she was struck by the power of their art. She also watched seine fishermen working in the bay across from the Embassy, mesmerized by their systematic back and forth movement. The seine net, a historic and global fishing tool weighted at the bottom and buoyed at the top, is especially important and impactful to the shores of Mozambique as the fishing industry navigates its sustainability, ensuring the protection of marine habitats and local communities. *Murmurations I*, a site-specific commission made by knotting Modelo can tabs into seine netting, was inspired by the fishermen's rhythm and by the massive cyclical sardine shoal run during the species' migration along the country's coast.

Hope earned a Master of Fine Arts degree from Yale University, New Haven, Connecticut, and shows her work at Ricco Maresca Gallery in New York. In 2018, she was named Woman to Watch for New York by the National Museum of Women in the Arts. She has created numerous public and residential commissions, often including binary code, and she inaugurated the WNYC Greene Space artist-in-residence program. She lives and works in New York.

A artista de instalação Alice Hope inspirou-se e sentiu uma afinidade com os artistas de montagem moçambicanos que conheceu durante uma viagem de investigação a Maputo. Feitos a partir de materiais engenhosos, unificados e transformados em algo imensamente maior do que a soma das suas partes, ela ficou impressionada com o poder da sua arte. Também observou os pescadores que trabalhavam na baía em frente à Embaixada, fascinada pelo seu movimento sistemático para a frente e para trás. A rede “seine”, uma ferramenta de pesca histórica e global, pesada na parte inferior e flutuada na parte superior, é especialmente importante e impactante para as costas de Moçambique, à medida que a indústria pesqueira navega na sua sustentabilidade, assegurando tanto a proteção dos habitats marinhos como das comunidades locais. A obra *Murmurações I*, uma encomenda específica para o local, feita através do atamento de abas de latas de Modelo em redes seine, foi inspirada no ritmo dos pescadores e na enorme corrida cíclica de cardumes de sardinhas durante a migração da espécie ao longo da costa do país.

Hope obteve o Mestrado de Belas-Artes da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut, e expõe o seu trabalho na Galeria Ricco Maresca, em Nova Iorque. Em 2018, foi nomeada Mulher a Prestar Atenção para New York, pelo Museu Nacional das Mulheres nas Artes. Ela criou inúmeras comissões públicas e residenciais, muitas vezes incluindo código binário, e inaugurou o programa de residência artística WNYC Greene Space. Vive e trabalha em Nova Iorque.



Cody Hoyt brings a contemporary understanding to patterns that reference frescoes, tiled floors, mosaics, and inlay design traditions. Trained as a painter and printmaker, his pursuit of expanded depth and pattern in his practice eventually brought him to ceramics. *Truncated Tetrahedron IV*, *Truncated Tetrahedron Variation*, and *Oblique Vessel* are each representative of the limits of the technique and material he was exploring at the time. When he first began to use clay as a medium, he was curious to see how the material could be used to hold a mark and express an idea. Form was one obvious way, but surface was also very appealing. Creating pattern with different colors of wet clay, he proceeded toward something close to geometric abstraction. To be more particular and figurative felt like the next logical step in his attempts to develop a language in this medium. If there's an expression of identity in this body of work, Hoyt says, it is a humanly instinctive quality of wanting to understand or explain the nature of self-expression, or the attempt to arrive at complex and beautiful things via the discovery of small, individual truths about the reality that surrounds us.

Hoyt received his Bachelor of Fine Arts degree from the Massachusetts College of Art. He has exhibited across the United States and internationally, with solo shows at Patrick Parrish Gallery, New York; Jeff Bailey Gallery, Hudson, New York; Andrew Rafacz Gallery, Chicago, among others; and a permanent public installation in Columbus, Indiana. Hoyt's work has been featured in *New York Magazine*, *Elle Décor*, and *Architectural Digest*, among others, and was included in Tom Morris's 2018 book *New Wave Clay*, published by Frame Publishers. He lives and works in Brooklyn, New York.

Cody Hoyt traz uma compreensão contemporânea aos padrões que fazem referência a frescos, pavimentos de azulejos, mosaicos e tradições de design de incrustações. Formado como pintor e impressor, a sua procura por profundidade e padrões expandidos na sua prática acabou por levá-lo à cerâmica. *Tetraedro Truncado IV*, *a Variação do Tetraedro Truncado* e *Vaso Obíquo* são representativos dos limites da técnica e do material que estava a explorar na altura. Quando começou a utilizar o barro como meio, tinha curiosidade em ver como o material podia ser utilizado para manter uma marca e exprimir uma ideia. A forma era uma maneira óbvia, mas a superfície também era muito apelativa. Criando padrões com diferentes cores de barro húmido, avançou para algo próximo da abstração geométrica. Ser mais particular e figurativo parecia ser o próximo passo lógico nas suas tentativas de desenvolver uma linguagem neste meio. Se há uma expressão de identidade neste corpo de trabalho, diz Hoyt, é uma qualidade humanamente instintiva de querer compreender ou explicar a natureza da autoexpressão, ou a tentativa de chegar a coisas complexas e belas através da descoberta de pequenas verdades individuais sobre a realidade que nos rodeia.

Hoyt obteve o seu bacharelato de Belas-Artes na Faculdade de Arte de Massachusetts. Expôs nos Estados Unidos e internacionalmente, com exposições individuais na Galeria Patrick Parrish, em Nova Iorque; na Galeria Jeff Bailey, em Hudson, Nova Iorque; na Galeria Andrew Rafacz, em Chicago, entre outras; e uma instalação pública permanente em Columbus, no Indiana. O trabalho de Hoyt foi apresentado nas revistas *New York Magazine*, *Elle Décor* e *Architectural Digest*, entre outras, e foi incluído no livro de Tom Morris de 2018, *New Wave Clay*, publicado pela Frame Publishers. Vive e trabalha em Brooklyn, Nova Iorque.



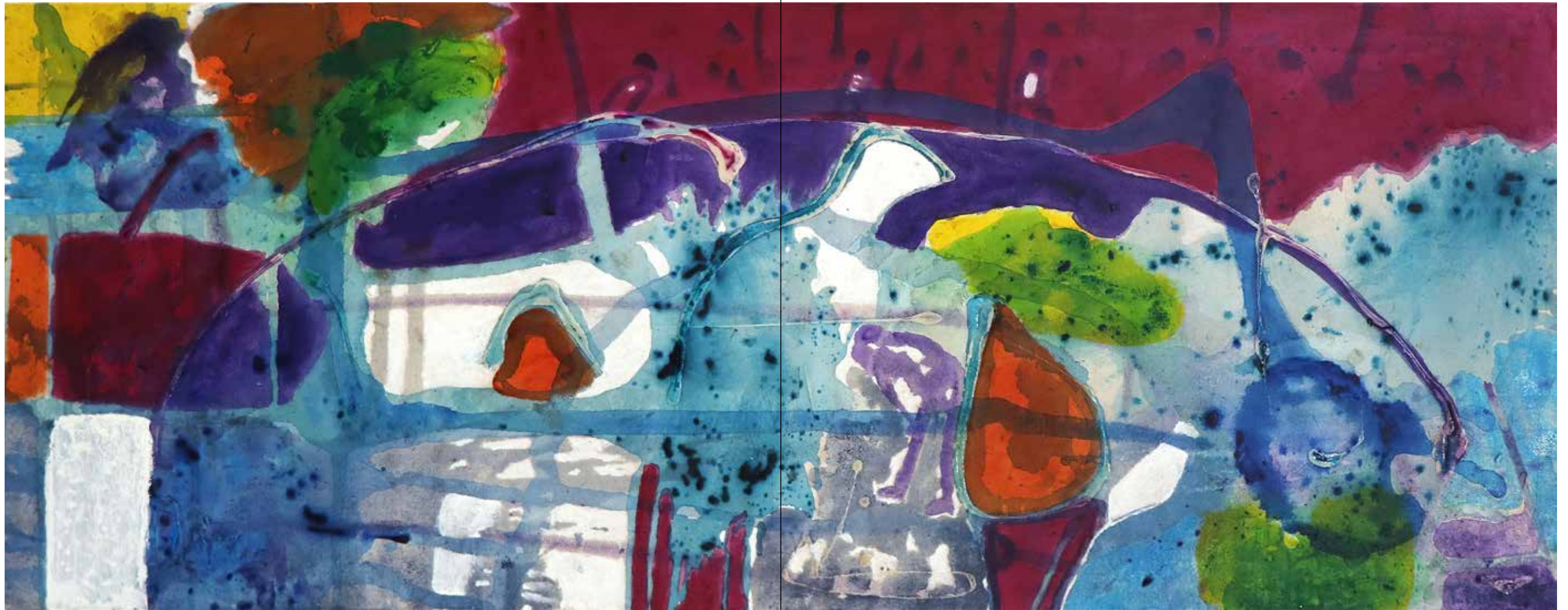




Teles Khossa

Self-taught painter Teles Khossa is part of a group of emerging Mozambiquan creatives. His abstract painting *Swilo swa missava I* means things of the hearth. In his twenties, Khossa worked as a lighting technician in the areas of fine art, dance, theater, and music; he later earned a degree in music theory, rhythmic and melodic reading, body percussion, and drums. He has participated in multiple art workshops, including one at the Nampula Industrial Penitentiary in Mozambique meant to help inmates reintegrate into the community after their release, and his work has been exhibited across Mozambique.

O pintor autodidata Teles Khossa faz parte de um grupo de artistas moçambicanos emergentes. O seu quadro abstrato *Swilo swa missava I* significa coisas do coração. Nos seus vinte anos, Khossa trabalhou como técnico de iluminação nas áreas das belas-artes, dança, teatro e música; Mais tarde, obteve um diploma em teoria musical, leitura rítmica e melódica, percussão corporal e bateria. Participou em vários workshops de arte, incluindo uma na Penitenciária Industrial de Nampula, em Moçambique, destinado a ajudar os reclusos a reintegrarem-se na comunidade após a sua libertação, e o seu trabalho foi exposto em Moçambique.





Beryl Korot

For Beryl Korot, threads — whether wool, linen, or magnetic tape — are both metaphor and medium. *Curves I* and *II* are part of a series of abstract drawings with reference to the human torso and the relationship between handmade and machine. As the works develop, a digital sewing machine sews threads onto the paper's surface. Instead of paint, the loose structure of the threads, programmed to be sewn in predesignated areas, allows the original drawn markings to be seen in a new way. It adds texture, color, and depth to the surface of the work. The kind of stitching, its shape, and the degree of being open or closed to the surface beneath, is an example of the impact of the computer on something as basic as the sewing machine.

An early figure in the history of video art, the sources for much of Korot's work reach back to the technology of the ancient world, whether the technology of the loom or of writing itself. In her work, there is both the visualization of an interior landscape based on language and a spotlight on the intersection between technology and thought. Co-founder and co-editor of *Radical Software* (1970–1974), the first publication to discuss the technical and formal possibilities of the new medium, Korot was also co-editor of *Video Art: An Anthology*, published in 1976. Her works have been exhibited at Leo Castelli Gallery, bitforms gallery, and the Whitney Museum of American Art, all in New York; Documenta 6, Kassel, Germany; the Carnegie Museum of Art, Pittsburgh; Art Basel, Switzerland; the Institute of Contemporary Art, Boston; and Tate Modern, London, among others. Private and public collections holding her work include the Museum of Modern Art, New York; Kramlich Collection's New Art Trust; and the Thoma Foundation art collection.

Para Beryl Korot, os fios - sejam eles de lã, linho ou fita magnética - são simultaneamente metáfora e meio. *Curvas I* e *II* fazem parte de uma série de desenhos abstratos que têm como referência o tronco humano e a relação entre o feito à mão e a máquina. À medida que as obras se desenvolvem, uma máquina de costura digital cose linhas na superfície do papel. Em vez de tinta, a estrutura solta das linhas, programada para ser cosida em áreas pré-designadas, permite que as marcas originais desenhadas sejam vistas de uma nova maneira. Acrescenta textura, cor e profundidade à superfície da obra. O tipo de costura, a sua forma e o grau de abertura ou fecho da superfície subjacente é um exemplo do impacto do computador em algo tão básico como a máquina de costura.

Uma figura precoce na história da arte vídeo, as fontes de grande parte do trabalho de Korot remontam à tecnologia do mundo antigo, seja a tecnologia do tear ou da própria escrita. No seu trabalho, há tanto a visualização de uma paisagem interior baseada na linguagem como um foco na intersecção entre tecnologia e pensamento. Cofundador e coeditor da *Radical Software* (1970–1974), a primeira publicação a discutir as possibilidades técnicas e formais do novo meio, Korot foi também coeditor de *Video Art: An Anthology*, publicado em 1976. As suas obras foram expostas na Galeria Leo Castelli, na galeria bitforms e no Museu de Arte Americana de Whitney, todos em Nova Iorque; na Documenta 6, em Kassel, Alemanha; no Museu de Arte de Carnegie, em Pittsburgh; na Art Basel, na Suíça; no Instituto de Arte Contemporânea, em Boston; e na Tate Modern, em Londres, entre outros. As coleções privadas e públicas que possuem o seu trabalho incluem o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, o Fundo de Arte Nova da Coleção Kramlich e a coleção de arte da Fundação Thoma.

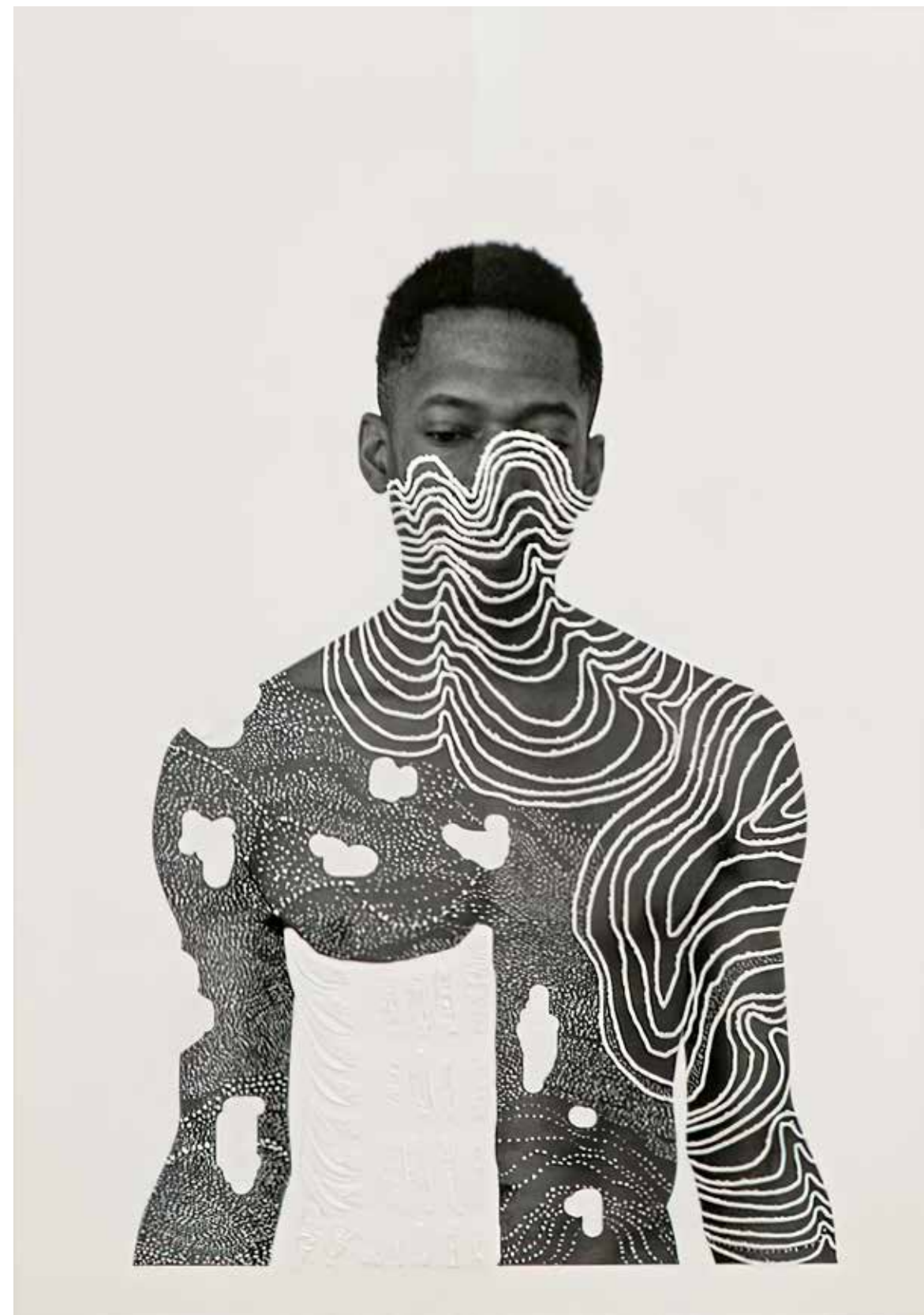


Nate Lewis’s creations are rooted in empathy and human connection. He spent nine years in the medical field, sparking his artistic interest in the tensions that exist within and without us, and much of his work is inspired by that time. “In my time working as a critical care nurse, we would use a multitude of lenses to gain a broad understanding of what is going on with any given situation to find homeostasis. While facts and diagnostic information can inform us of any given situation, without empathy and perspective alteration, our hearts will remain unchanged,” Lewis says. *Ivy Overgrown* and *Ceremonial Surgeries* are from Lewis’s early, biologically based *Paper* series, prior to his integration of photographs. In these works, he hand-sculpted the surface of the paper, revealing its fiber with tufts, incisions, and mark-making. *Robed in Chants* is part of the artist’s *Biological Tapestries* series, which was his first to use photographs. Works from this series were made from a single sheet of paper, with many decisions made prior to printing the image, with areas edited out in order to be devoted to his hand sculpting. Many of the figures in this series are friends and others he knew personally.

Lewis graduated from Virginia Commonwealth University in Richmond with a Bachelor of Science degree in nursing. He has been awarded residencies at Pioneer Works and Dieu Donn  in New York, Agora Culture on Martha’s Vineyard in Massachusetts, and won a number of artist fellowship grants from the DC Commission on the Arts and Humanities. His artwork has been exhibited at the California African American Museum, Los Angeles; the Studio Museum in Harlem, New York; the Yale Center for British Art, New Haven, Connecticut; and the Smithsonian Institution Traveling Exhibition Services. His work is in the public collections of the Baltimore Museum of Art; the Blanton Museum, Austin, Texas; the Studio Museum in Harlem; and Grinnell College Museum of Art, Iowa.

As criações de Nate Lewis baseiam-se na empatia e na ligação humana. Ele passou nove anos na área da medicina, o que despertou o seu interesse artístico pelas tensões que existem dentro e fora de nós, e muito do seu trabalho é inspirado por esse tempo. “No tempo em que trabalhei como enfermeiro dos cuidados intensivos, utilizávamos uma multiplicidade de lentes para obter uma compreensão alargada do que se estava a passar numa determinada situação para encontrar a homeostase. Embora os factos e a informação de diagnóstico nos possam informar sobre uma determinada situação, sem empatia e alteração de perspetiva, os nossos corações permanecerão inalterados”, diz Lewis. *Hera Demasiado Crescida* e *Cirurgias Cerimoniais* fazem parte da série *Papéis*, uma das primeiras séries de Lewis de base biológica, antes da sua integração de fotografias. Nestas obras, ele esculpiu   mão a superfície do papel, revelando a sua fibra com tufos, incisões e marcações. *Vestida de Cânticos* faz parte da série Tapeçarias Biológicas do artista, e foi a sua primeira utilização de fotografias. As obras desta série foram feitas a partir de uma única folha de papel, com muitas decisões tomadas antes de imprimir a imagem, com áreas editadas para serem dedicadas à sua escultura manual. Muitas das figuras desta série são amigos e outros que ele conheceu pessoalmente.

Lewis licenciou-se na Universidade Virginia Commonwealth, em Richmond, com um bacharelato em enfermagem. Foi premiado com residências na Pioneer Works e DieuDonné em Nova Iorque, Agora Culture em Martha’s Vineyard, Massachusetts, e ganhou várias bolsas de estudo para artistas da Comissão de Artes e Humanidades de Washington D.C. O seu trabalho artístico foi exposto no Museu Afro-Americano da Califórnia, em Los Angeles; no Museu Studio, em Harlem, Nova Iorque; no Centro de Arte Britânica de Yale, em New Haven, Connecticut; e nos Serviços de Exposições Itinerantes do Instituto Smithsonian. O seu trabalho faz parte das colecções públicas do Museu de Arte de Baltimore; do Museu Blanton, em Austin, Texas; do Museu Studio, em Harlem; e do Museu de Arte da Faculdade de Grinnell, no Iowa.







Gonçalo Mabunda

Born in Maputo two years before the start of a decades-long civil war, Gonçalo Mabunda uses discarded weapons as his medium. AK47s, land mines, shell casings, rockets, and other objects meant to destroy are reshaped into anthropomorphic masks and figures reminiscent of traditional Mozambican wood carvings and ceremonial masks in his works.³ Transforming these instruments of destruction into disarming cultural sculptures shows the potential found materials hold, the absurdity of war, and an alternative vision for his culture.⁴ “My pieces prove that objects of violence can be transformed into something positive and something beautiful. Not only that but — to me — the reworked weapons represent the resiliency and creativity of African civilian societies,” he says.⁵

Mabunda’s works have been exhibited at the Guggenheim Museum, Bilbao, Spain; Museum Kunst Palast, Dusseldorf, Germany; Centre Pompidou, Paris; Mori Art Museum, Tokyo; the Brooklyn Museum, New York; the Museum of Art and Design, New York; the National Museum of Maupito; and the Vatican Museum, Vatican City, among others. He was the first Mozambiquan artist at the Venice Biennale and was voted one of the top ten African artists to watch by Blouin Modern Painters in 2019. He lives and works in Maputo.

Nascido em Maputo dois anos antes do início de uma guerra civil que durou décadas, Gonçalo Mabunda usa armas descartadas como seu meio artístico. AK47s, minas terrestres, cartuchos, foguetes e outros objetos destinados a destruir são transformados em máscaras e figuras antropomórficas que lembram as esculturas em madeira e as máscaras cerimoniais tradicionais moçambicanas nas suas obras.³ A transformação destes instrumentos de destruição em esculturas culturais desarmantes mostra o potencial dos materiais encontrados, o absurdo da guerra e uma visão alternativa para a sua cultura.⁴ “As minhas peças provam que os objetos de violência podem ser transformados em algo positivo e belo. Não só isso, mas também - para mim - as armas reformuladas representam a resiliência e a criatividade das sociedades civis africanas”, afirma.⁵

As obras de Mabunda foram expostas no Museu Guggenheim, em Bilbao, Espanha; no Museu Kunst Palast, em Dusseldorf, Alemanha; no Centre Pompidou, em Paris; no Museu de Arte Mori, em Tóquio; no Museu de Brooklyn, em Nova Iorque; no Museu de Arte e Desenho, em Nova Iorque; no Museu Nacional de Maputo; no Museu do Vaticano, Cidade do Vaticano, entre outros. Foi o primeiro artista moçambicano na Bienal de Veneza e foi eleito um dos dez melhores artistas africanos a manter em atenção pela Blouin Modern Painters, em 2019. Vive e trabalha em Maputo.



Rose Marcus' image-based constructions push the physicality of photography, examining the life of the printed picture in everyday experience. *Imagine (Field)* is a photographic work from her series of the John Lennon Memorial in New York City's Central Park. The memorial is a circular mosaic embedded into the fork of a pedestrian path, emblazoned with the word Imagine at its center. Located across from the late Beatle's apartment, the popular memorial, intended for commemoration and reflection, has become distinctly anti-climactic: it eerily functions as a site for photography, wherein visitors relentlessly take portraits, spinning meaning and motive without direction. In her series, Marcus outlines this directionlessness, expressing the memorial site as both a host of and generator for undefined meaning and function.

Imagine (Field) is a photograph of a photograph. After printing the original image, Marcus returned with the framed photograph, re-photographing the work with the surroundings reflected in the glass. The resulting image features two overlapping planes of imagery, collapsing space and creating a false simultaneous event. She printed this second image onto glass with no white ink, making the lightest parts of the image fully transparent.

Marcus earned a Bachelor of Fine Arts degree from Pratt Institute, New York, and completed graduate studies in art history at Hunter College, New York. Her work has been exhibited at Night Gallery, Los Angeles; And Now Gallery, Dallas; David Peterson Gallery, Minneapolis; Mary Mary, Glasgow, Scotland; Tanya Leighton, Berlin; and Parisian Laundry, Montreal, among others. She has been featured in the *New Yorker*, the *Observer*, and *Art in America*, among other publications.

As construções baseadas em imagens de Rose Marcus desafiam a fisicalidade da fotografia, examinando a vida da imagem impressa na experiência quotidiana. *Imagine (Campo)* é um trabalho fotográfico da sua série sobre o Memorial John Lennon no Central Park, em Nova Iorque. O memorial é um mosaico circular embutido na bifurcação de um caminho pedonal, com a palavra Imagine no centro. Situado diante do apartamento do falecido Beatle, o popular memorial, destinado à comemoração e à reflexão, tornou-se claramente anti-climático: funciona estranhamente como um local para fotografia, onde visitantes tiram constantemente retratos, tecendo significado e motivo sem direção. Na sua série, Marcus delinea esta falta de direção, exprimindo o local do memorial como hospedeiro e como gerador de um significado e de uma função indefinidos.

Imagine (Campo) é uma fotografia de uma fotografia. Depois de imprimir a imagem original, Marcus regressou com a fotografia emoldurada, voltando a fotografar a obra com o ambiente refletido no vidro. A imagem resultante apresenta dois planos de imagem sobrepostos, colapsando o espaço e criando um falso acontecimento simultâneo. Ela imprimiu esta segunda imagem num vidro sem tinta branca, tornando as partes mais claras da imagem totalmente transparentes.

Marcus obteve um bacharelato de Belas-Artes do Instituto Pratt, em Nova Iorque, e completou estudos de pós-graduação em História da Arte na Faculdade Hunter, em Nova Iorque. O seu trabalho foi exposto na Galeria Night, em Los Angeles; na Galeria And Now, em Dallas; na Galeria David Peterson em Minneapolis; na Mary Mary, em Glasgow, Escócia; na Tanya Leighton, em Berlim; e na Parisian Laundry, em Montreal, entre outros. Ela esteve em destaque na *New Yorker*, no *Observer* e na *Art in America*, entre outras publicações.



John McAllister’s paintings showcase fantastical landscapes in bright hues, most often purples, pinks, and turquoises. His early work used real-life events as inspiration — he painted wildfires for a time, for example — but his more recent work harkens back to some of the masterpieces he admired as a night guard at the Metropolitan Museum of Art in New York. “Instead of making pretty pictures about something serious, I realized I could be serious about making pretty pictures,”⁶ he says. *sings darksome silvery* was inspired by walking through a landscape at night, where the familiarities of the day are gone and everything becomes hidden, making one feel both isolated and present. Eventually the eyes adjust and begin to form patterns and recognizable shapes, the landscape becoming clearer in the darkness, and the sounds less jarring. Soon, one can step with certainty. McAllister likens this experience to walking up to a painting with all of its unfamiliar marks and colors. The viewer eases their way into shapes becoming objects, and colors form depth and air. In the case of *sings darksome silvery*, all of the unfamiliar patterns and tactility of the surface recede, opening a window onto a scene of the sea nestled within the cozy foliage of the shore.

McAllister earned a Bachelor of Fine Arts degree from the University of Texas, Austin, and a Master of Fine Arts degree from the Art Center College of Design, Pasadena, California. His work has been exhibited at James Fuentes, New York; Shane Campbell Gallery, Chicago; Carl Freedman Gallery, London; Wentrup Gallery, Berlin; and Hagiwara Projects, Tokyo, among others.

As pinturas de John McAllister mostram paisagens fantásticas em tons vivos, na maioria das vezes roxos, rosas e turquesas. O seu trabalho inicial utilizou eventos da vida real como inspiração - pintou incêndios florestais durante algum tempo, por exemplo - mas o seu trabalho mais recente remete para algumas das obras-primas que admirou quando trabalhou como guarda noturno do Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque. “Em vez de criar fotografias bonitas sobre algo sério, apercebi-me que podia ser sério acerca da criação de fotografias bonitas”, diz McAllister⁶. *Canta o prateado escuro* foi inspirado num passeio que deu por uma paisagem à noite, onde as familiaridades do dia desaparecem e tudo fica escondido, fazendo-nos sentir ao mesmo tempo isolados e presentes. Eventualmente, os olhos ajustam-se e começam a formar padrões e formas reconhecíveis, a paisagem torna-se mais clara na escuridão e os sons menos estridentes. Em pouco tempo, torna-se possível avançar com segurança. McAllister compara esta experiência a aproximar-se de um quadro com todas as suas marcas e cores desconhecidas. O observador vai-se aproximando das formas que se tornam objetos, e as cores formam profundidade e ar. No caso de *canta o prateado escuro*, todos os padrões desconhecidos e a tatilidade da superfície desaparecem, abrindo uma janela para uma vista do mar aninhada na folhagem acolhedora da costa.

McAllister obteve um bacharelato de Belas-Artes da Universidade do Texas, em Austin, e um mestrado de Belas-Artes do Centro de Arte da Faculdade de Desenho, em Pasadena, Califórnia. O seu trabalho foi exposto em James Fuentes, Nova Iorque; na Galeria Shane Campbell, em Chicago; na Galeria Carl Freedman, em Londres; na Galeria Wentrup, em Berlim; e na Hagiwara Projects, em Tóquio, entre outros.



Estevão Mucavele is known for painting landscapes with a distinctive knife-work style, usually of mines, the sea, and “imaginary” landscapes. *Heat in Maputo* captures the stifling temperature of a summer day in vivid reds and dark oranges.

At sixteen, Mucavele left Mozambique for South Africa in search of better opportunities. He worked in the mines for a time and then at a Cape Town art gallery as a janitor, where he started drawing and painting. Two years later, he held his first one-man show and soon after a critically acclaimed group show, after which he dedicated his time exclusively to painting. He returned to his home country after Mozambique gained its independence and collaborated with other artists on a mural at Maputo’s Hero’s Square, a place dedicated to those who died fighting for the country’s liberation.

Estevão Mucavele é conhecido por pintar paisagens com um estilo característico de trabalho de faca, geralmente de minas, do mar e de paisagens “imaginárias”. *Calor em Maputo* capta a temperatura sufocante de um dia de verão em vermelhos vivos e laranjas escuros.

Aos dezasseis anos, Mucavele partiu de Moçambique para a África do Sul em busca de melhores oportunidades. Trabalhou nas minas durante algum tempo e depois numa galeria de arte da Cidade do Cabo como empregado de limpeza, onde começou a desenhar e a pintar. Dois anos mais tarde, realizou a sua primeira exposição individual e, pouco depois, uma exposição coletiva aclamada pela crítica, após a qual dedicou-se exclusivamente à pintura. Regressou ao seu país natal após a independência de Moçambique e colaborou com outros artistas num mural na Praça dos Heróis de Maputo, um local dedicado aos que morreram a lutar pela libertação do país.



Cassi Namoda's upbringing in Maputo has given her what she calls a "secret code" into contextualizing daily life there, especially the mundanities and the spiritual. Inspired by the writings of professor and author John M. Mbiti, which center around African spirituality and Christian theology, *God Is a Spirit* showcases the notion that the essence of God exists in everything. When creating the work, Namoda ruminated on her childhood and her explorations of spirituality and time in an African sense through her show *Outside the Witch Doctor's House*. The sluggishness or slowness of time, the cadence at which rural societies move through daily life, the sacredness of elements like water, the symbolism of animals and objects — *God Is a Spirit* conveys it all. Her paintings use dreamlike elements and references to folklore to evoke intimate recollections.

Born to a Mozambican mother and an American father, Namoda spent much of her childhood traveling the world, exposed to different ideas and cultures. She was named one of the Rising Art Stars of 2020 by *Elephant* magazine and was commissioned to paint the January 2020 cover of *Vogue Italia*. Her work has been exhibited at Nina Johnson Gallery, Miami; Caribbean Cultural Center African Diaspora Institute, New York; the Museum of Contemporary African Diasporan Arts, New York; CFHILL, Stockholm; and Nicodim Galleries, Los Angeles and Bucharest, Romania, among others. Pérez Art Museum, Miami; Studio Museum, Harlem; and the Baltimore Museum of Art hold her work in their collections.

A educação de Cassi Namoda em Maputo deu-lhe aquilo a que ela chama um "código secreto" para contextualizar a vida quotidiana nesse país, especialmente as mundanidades e o espiritual. Inspirado nos escritos do professor e autor John M. Mbiti, centrados na espiritualidade africana e na teologia cristã, *Deus é um Espírito* apresenta a noção de que a essência de Deus existe em tudo. Ao criar a obra, Namoda refletiu sobre a sua infância e as suas explorações da espiritualidade e do tempo num sentido africano, através do seu espetáculo *No Exterior da Casa do Curandeiro*. A morosidade ou lentidão do tempo, a cadência do quotidiano das sociedades rurais, o carácter sagrado de elementos como a água, o simbolismo dos animais e dos objetos - *Deus é um Espírito* transmite tudo isso. As suas pinturas utilizam elementos oníricos e referências ao folclore para evocar recordações íntimas.

Filha de mãe moçambicana e pai americano, Namoda passou grande parte da sua infância a viajar pelo mundo, exposta a diferentes ideias e culturas. Foi nomeada uma das Estrelas em Ascensão do Mundo da Arte de 2020 pela revista *Elephant* e foi-lhe encomendada a pintura da capa da *Vogue Italia* de janeiro de 2020. O seu trabalho foi exposto na Galeria Nina Johnson, em Miami; no Centro Cultural do Instituto da Diáspora Africana, em Nova Iorque; no Museu das Artes Africanas Contemporâneas da Diáspora, em Nova Iorque; na CFHILL, em Estocolmo; e nas Galerias Nicodim, em Los Angeles e Bucareste, Roménia, entre outras. O Museu de Arte Pérez, em Miami; o Museu Studio, em Harlem; e o Museu de Arte de Baltimore têm obras suas nas suas coleções.



Ulisses Gomes Oviedo

Ulisses Gomes Oviedo first began studying art at a young age at the Escola Atelier “Leopoldo Romanach” Santa Clara, Villa Clara, Cuba. He continued his studies in Havana, Cuba, and later joined the Instituto Superior de Arte in Havana, graduating with a degree in painting and becoming a member of the Union of Writers and Artists of Cuba. Gomes Oviedo is currently a professor at the Escola Portuguesa de Moçambique and at the Instituto Superior de Artes e Cultura de Moçambique, Maputo, where he lives.⁷

Ulisses Gomes Oviedo começou a estudar arte ainda jovem, na Escola Atelier “Leopoldo Romanach” Santa Clara, em Villa Clara, Cuba. Prosseguiu os seus estudos em Havana, Cuba, e mais tarde matriculou-se no Instituto Superior de Arte de Havana, obtendo um diploma em pintura e tornando-se membro do Sindicato de Escritores e Artistas de Cuba. Gomes Oviedo é atualmente professor na Escola Portuguesa de Moçambique e no Instituto Superior de Artes e Cultura de Moçambique, Maputo, onde reside.⁷



Kianja Strobert

Kianja Strobert is an inventive voice in contemporary abstraction known for her lively explorations of acrylic, ink, and other materials. Her work features energetic planes of color made with thick brush strokes that keep the viewer's eye in constant motion.⁸ Preoccupied with the union of texture and the illusion of depth, *The Ferryman* is a rare example of her interests organized into a landscape. The overall impression is a waking dream; the tangible represented by the heavy impasto surface, and the center form pulsating red and blue a beacon in all of its complicated definitions.

Strobert earned a Bachelor of Fine Arts degree from the School of the Art Institute of Chicago and a Master of Fine Arts degree from the Yale University School of Art, New Haven, Connecticut. Her work has been exhibited at Marinaro, the Studio Museum in Harlem, Tilton Gallery, and Zach Feuer Gallery, all in New York; the Santa Monica Museum of Art, California; the Contemporary Art Museum, Houston; and the University of Arkansas Fine Arts Center, Fayetteville, among others. The Norton Museum, West Palm Beach, Florida, and the Tang Museum at Skidmore College, Saratoga Springs, New York, hold her work in their collections. She lives and works in Hudson, New York.

Kianja Strobert é uma voz inventiva na abstração contemporânea, conhecida pelas suas animadas explorações de acrílico, tinta e outros materiais. O seu trabalho apresenta planos energéticos de cor feitos com pinceladas grossas que mantêm o olho do espectador em constante movimento.⁸ Preocupada com a união da textura e a ilusão de profundidade, *O Barqueiro* é um raro exemplo dos seus interesses organizados numa paisagem. A impressão geral é a de um sonho acordado; o tangível representado pela superfície pesada feita com impasto, e a forma central pulsando em vermelho e azul, um farol em todas as suas definições complicadas.

Strobert obteve um bacharelato de Belas-Artes da Escola de Arte do Instituto de Chicago e um mestrado de Belas-Artes da Escola de Arte da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut. O seu trabalho foi exibido em Marinaro, no Museu Studio, em Harlem, na Galeria Tilton, e na Galeria Zach Feuer, todas em Nova Iorque; no Museu de Arte de Santa Monica, na Califórnia; no Museu de Arte Contemporânea, em Houston; e no Centro de Belas-Artes da Universidade de Arkansas, em Fayetteville, entre outros. O Museu Norton, em West Palm Beach, Florida, e o Museu Tang da Faculdade Skidmore, em Saratoga Springs, Nova Iorque, têm obras suas nas suas coleções. Vive e trabalha em Hudson, Nova Iorque.



William T. Williams's work ranges in style from his early geometric abstractions, to almost-monochromatic explorations of texture, to an abstraction that derives its force from tension among colors and forms. While he has consistently tested the limits of his earlier styles and developed new approaches, his meticulous attention to the process of art making has remained constant. A master of brushwork and color, Williams creates his paintings in series, working through a labor-intensive process that often includes drawings, watercolors, and prints. *Green Return* is from a period between 2008–2016 during which he worked only on paper. Drawing is at the heart of Williams's practice, and for the last ten years or so, the calligraphic imagery in his work has become more prominent as he has turned much of his attention to reconciling the figure-ground relationship. Still very much rooted in process, the artist often combines the formal element of drawing with personal or historical associations and communicates these visually through variations on a repeated theme.

Williams earned a Bachelor of Fine Arts degree from Pratt Institute, New York, and a Master of Fine Arts degree from Yale University, New Haven, Connecticut. He was on the faculty at Brooklyn College of the City University of New York for four decades. His work has been exhibited widely for decades, including at the Whitney Museum of American Art, New York; the Museum of Modern Art, New York; the Museum of Contemporary Art, Los Angeles; the Smithsonian's National Museum of African American History and Culture, Washington, D.C.; Michael Rosenfeld Gallery, New York; and Tate Modern, London, among others. His paintings are represented in over thirty public collections, including the National Gallery of Art, Washington, D.C.; the Nelson A. Rockefeller Empire State Collection, Albany, New York; the Studio Museum in Harlem, New York; and the Yale University Art Gallery, New Haven, Connecticut. Williams lives and works between New York and Connecticut.

O trabalho de William T. Williams varia em estilo, desde as suas primeiras abstrações geométricas, passando por explorações quase monocromáticas de textura, até uma abstração que deriva a sua força da tensão entre cores e formas. Embora tenha testado constantemente os limites dos seus estilos anteriores e desenvolvido novas abordagens, a sua atenção meticulosa ao processo de criação artística manteve-se constante. Um mestre da pincelada e da cor, Williams cria as suas pinturas em série, trabalhando através de um processo de trabalho intensivo que inclui frequentemente desenhos, aguarelas e impressões. O *“Regresso Verde”* nasceu num período entre 2008 e 2016, durante o qual trabalhou apenas em papel. O desenho está no cerne da prática de Williams e, nos últimos dez anos, aproximadamente, as imagens caligráficas no seu trabalho tornaram-se mais proeminentes, uma vez que o artista concentrou grande parte da sua atenção na reconciliação da relação figura-solo. Ainda muito enraizado no processo, o artista combina frequentemente o elemento formal do desenho com associações pessoais ou históricas e comunica-as visualmente através de variações de um tema repetido.

Williams obteve um Bacharelato de Belas-Artes do Instituto Pratt, em Nova Iorque, e um Mestrado de Belas-Artes da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut. Fez parte do corpo docente da Faculdade de Brooklyn da Universidade da Cidade de Nova Iorque durante quatro décadas. O seu trabalho tem sido amplamente exposto ao longo de décadas, incluindo no Museu de Arte Americana Whitney, em Nova Iorque; no Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque; no Museu de Arte Contemporânea, em Los Angeles; no Museu Nacional da História e Cultura Afro-Americana do Smithsonian, em Washington, D.C.; na Galeria Michael Rosenfeld, em Nova Iorque; e na Tate Modern, em Londres, entre outros. As suas pinturas estão representadas em mais de trinta coleções públicas, incluindo a Galeria de Arte Nacional, em Washington, D.C.; na Coleção Nelson A. Rockefeller Empire State, em Albany, Nova Iorque; no Museu Studio, em Harlem, Nova Iorque; e na Galeria de Arte da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut. Williams vive e trabalha entre Nova Iorque e Connecticut.



Brenna Youngblood uses photo-based collage, painting, assemblage, and sculpture to analyze the African American experience and issues of ethics, representation, and identity. “Created through a handmade process of addition, subtraction, layering, and peeling, [her] art is subtle yet effective as she communicates personal experiences through common objects.”⁹ Originally trained as a photographer, her early works are drawn from everyday life, including images of family members and friends, police cars, household items such as lightbulbs and TVs, and found objects, creating new lives for these old items.¹⁰

Youngblood earned a Master of Fine Arts degree from the University of California, Los Angeles, and a Bachelor of Fine Arts from California State University, Long Beach. Her work has been exhibited at Honor Fraser, Los Angeles; the Seattle Art Museum; Tilton Gallery, New York; the Studio Museum in Harlem, New York; the National Museum of Women in the Arts, Washington, D.C.; the Museum of Contemporary Arts Detroit; the California African American Museum, Los Angeles; Galerie Nathalie Obadia, Brussels; and Berlin Projects, Germany, among others. Public collections that hold her work include JP Morgan Chase, the Studio Museum in Harlem, New York; the Hammer Museum, Los Angeles; the Los Angeles County Museum of Art; the Art, Design, and Architecture Museum at the University of California, Santa Barbara; and Fundación/Colección Jumex, Mexico City, among others.

Brenna Youngblood utiliza colagem de fotos, pintura, montagem e escultura para analisar a experiência afro-americana e questões de ética, representação e identidade. “Criada através de um processo artesanal de adição, subtração, camadas e descamação, a sua arte é subtil, mas eficaz, uma vez que comunica experiências pessoais através de objetos comuns.”⁹ Originalmente formada como fotógrafa, os seus primeiros trabalhos são retirados da vida quotidiana, incluindo imagens de familiares e amigos, carros da polícia, artigos domésticos como lâmpadas e televisores, e objetos encontrados, criando novas vidas para estes artigos antigos.¹⁰

Youngblood obteve um mestrado de Belas-Artes da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e uma licenciatura de Belas-Artes da Universidade Estatal da Califórnia, em Long Beach. O seu trabalho foi exposto em Honor Fraser, Los Angeles; no Museu de Arte de Seattle; na Galeria Tilton, em Nova Iorque; no Museu Studio, em Harlem, Nova Iorque; no Museu Nacional das Mulheres no Mundo das Artes, em Washington, D.C.; no Museu de Artes Contemporâneas de Detroit; no Museu Afro-Americano da Califórnia, em Los Angeles; na Galerie Nathalie Obadia, em Bruxelas; e na Berlin Projects, Alemanha, entre outros. As colecções públicas que possuem o seu trabalho incluem o JP Morgan Chase, o Museu Studio, em Harlem, Nova Iorque; o Museu Hammer, em Los Angeles; o Museu de Arte do Concelho de Los Angeles; o Museu de Arte, Desenho e Arquitetura da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara; e a Fundación/Colección Jumex, na Cidade do México, entre outras.





Notes

1. “Filipe Branquinho | Mozambique,” AKKA Project, accessed April 12, 2022, <https://akkaproject.com/portfolio/filipe-branquinho-mozambique/>.
2. Tyler Foggatt, “Kwame Brathwaite’s Grandassa Models,” the *New Yorker*, March 18, 2019, <https://www.newyorker.com/magazine/2019/03/18/kwame-brathwaites-grandassa-models>
3. “Goncalo Mabunda,” Nil Gallery, Accessed April 15, 2021, <https://www.nilgallery.com/goncalo-mabunda/>.
4. “Goncalo Mabunda,” Ethan Cohen New York, Accessed April 15, 2021, <https://www.ecfa.com/goncalo-mabunda>.
5. Christine Takengny, Goncalo Mabunda: “Orator of Time at Jack Bell Gallery, London,” Contemporary Art Society, May 24, 2019, <https://www.contemporaryartsociety.org/news/friday-dispatch-news/goncalo-mabunda-orator-time-jack-bell-gallery-london/>
6. Vicky Lowry, “How a Former Museum Night Guard Has Become the Toast of the Art World — and the Talk of Miami,” *Architectural Digest*, November 21, 2016, <https://www.architecturaldigest.com/story/former-museum-night-guard-art-world-talk-of-miami>.
7. “Biography, Ulisses Gomes Oviedo,” d’gema gallery, accessed April 12, 2022, <http://www.artedegema.com/artistas/18/acercadoartista.html>.
8. “Kianja Strobert,” Ocula, accessed April 13, 2021, <https://ocula.com/artists/kianja-strobert/>.
9. “Seattle Art Museum Honors Brenna Youngblood with the 2015 Gwendolyn Knight | Jacob Lawrence Prize,” Arena for Contemporary African, African-American and Caribbean Art, November 15, 2015, <https://africanah.org/brenna-youngblood/>.
10. “Brenna Youngblood,” The Women’s Studio, accessed April 19, 2021, <https://africanah.org/brenna-youngblood/>.

Notas

1. “Filipe Branquinho | Moçambique,” Projeto AKKA, acedido a 12 de abril de 2022, <https://akkaproject.com/portfolio/filipe-branquinho-mozambique/>.
2. Tyler Foggatt, “As Modelos Grandassa de Kwame Brathwaite”, *The New Yorker*, 18 de março de 2019, <https://www.newyorker.com/magazine/2019/03/18/kwame-brathwaites-grandassa-models>
3. “Gonçalo Mabunda,” Galeria Nil, Acedido em 15 de abril de 2021, <https://www.nilgallery.com/goncalo-mabunda/>.
4. “Gonçalo Mabunda,” Ethan Cohen, Nova Iorque, Acedido em 15 de abril de 2021, <https://www.ecfa.com/goncalo-mabunda>.
5. Christine Takengny, Gonçalo Mabunda: “O Orador do Tempo na Galeria Jack Bell, Londres”, Sociedade de Arte Contemporânea, 24 de maio de 2019, <https://www.contemporaryartsociety.org/news/friday-dispatch-news/goncalo-mabunda-orator-time-jack-bell-gallery-london/>
6. Vicky Lowry, “Como um Ex-Guarda Noturno de Museu Se Tornou a Estrela do Mundo da Arte - e Aquele do Qual Todos Falam,” *Architectural Digest*, 21 de novembro de 2016, <https://www.architecturaldigest.com/story/former-museum-night-guard-art-world-talk-of-miami>.
7. “Biografia, Ulisses Gomes Oviedo,” galeria d’gema, acedido em 12 de abril de 2022, <http://www.artedegema.com/artistas/18/acercadoartista.html>.
8. “Kianja Strobert,” Ocula, acedido em 13 de abril de 2021, <https://ocula.com/artists/kianja-strobert/>.
9. “O Museu de Arte de Seattle Homenageia Brenna Youngblood com o Prémio Gwendolyn Knight | Jacob Lawrence de 2015,” Arena de Arte Contemporânea Africana, Afro-Americana e Caribenha, 15 de novembro de 2015, <https://africanah.org/brenna-youngblood/>.
10. “Brenna Youngblood,” The Women’s Studio, acedido em 19 de abril de 2021, <https://africanah.org/brenna-youngblood/>.



Object Checklist

- | | | | |
|----|--|----|---|
| 1 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Landau Azimuth</i> , 2018
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 34 × 34 × 13 in. (86,4 × 86,4 × 33 cm) | 1 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>Azimute de Landau</i> , 2018
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 34 × 34 × 13 pol. (86,4 × 86,4 × 33 cm) |
| 2 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Grandest Ocean Zenith</i> , 2019
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 53 × 48 × 17 in. (134,6 × 121,9 × 43,2cm) | 2 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>O Maior Zênite do Oceano</i> , 2019
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 53 × 48 × 17 pol. (134,6 × 121,9 × 43,2cm) |
| 3 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Glacial Azimuth</i> , 2018
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 36 × 36 × 15 in. (91,4 × 91,4 × 38,1 cm) | 3 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>Azimute Glacial</i> , 2018
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 36 × 36 × 15 pol. (91,4 × 91,4 × 38,1 cm) |
| 4 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Grandest Vertical Ephemeris</i> , 2019
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 56 × 43 × 17 in. (142,2 × 109,2 × 43,2 cm) | 4 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>A Maior Efeméride Vertical</i> , 2019
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 56 × 43 × 17 pol. (142,2 × 109,2 × 43,2 cm) |
| 5 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Grandest Albedo</i> , 2017
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 54 × 46 × 19 in. (137,2 × 116,8 × 48,3 cm) | 5 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>O Maior Albedo</i> , 2017
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 54 × 46 × 19 pol. (137,2 × 116,8 × 48,3 cm) |
| 6 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Celestial Parallax</i> , 2018
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 37 × 34 × 16 in. (94 × 86,4 × 40,6 cm) | 6 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>Paralaxe Celeste</i> , 2018
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 37 × 34 × 16 pol. (94 × 86,4 × 40,6 cm) |
| 7 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Grandest Parallax</i> , 2019
Nylon, copper, brass, and polyvinyl
Overall: 47 × 49 × 19 in. (119,4 × 124,5 × 48,3 cm) | 7 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>O Maior Paralaxe</i> , 2019
Nylon, cobre, latão e polivinil
Em geral: 47 × 49 × 19 pol. (119,4 × 124,5 × 48,3 cm) |
| 8 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Neutral Zenith</i> , 2017
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 36 × 36 × 15 in. (91,4 × 91,4 × 38,1 cm) | 8 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>Zênite Neutro</i> , 2017
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 36 × 36 × 15 pol. (91,4 × 91,4 × 38,1 cm) |
| 9 | Anastasia Azure (born 1973)
<i>Grand Golden Albedo</i> , 2019
Nylon, brass, copper, and polyvinyl
Overall: 36 × 35 × 16 in. (91,4 × 88,9 × 40,6cm) | 9 | Anastasia Azure (nascida em 1973)
<i>Grande Albedo de Ouro</i> , 2019
Nylon, latão, cobre e polivinil
Em geral: 36 × 35 × 16 pol. (91,4 × 88,9 × 40,6cm) |
| 10 | Stephanie Bachiero (born 1982)
<i>Zenith</i> , 2017
Porcelain
Overall: 8½ × 7½ × 8½ in. (21,6 × 19,1 × 21,6 cm) | 10 | Stephanie Bachiero (nascida em 1982)
<i>Zênite</i> , 2017
Porcelana
Em geral: 8½ × 7½ × 8½ pol. (21,6 × 19,1 × 21,6 cm) |

- 11

Filipe Branquinho (born 1977)
Radio Mozambique, Discoteca, 2014
Inkjet print on fine art paper
22¹³/₁₆ × 27¹¹/₁₆ in. (57,9 × 70,3 cm)
- 12

Kwame Brathwaite (born 1938)
Untitled (Grandassa Models, Merton Simpson Gallery), c. 1967, printed 2017
Archival pigment print
Overall: 15 × 15 in. (38,1 × 38,1 cm)
- 13

Kwame Brathwaite (born 1938)
Untitled (Pat Bardonelle on the Apollo Theater Stage during performance by Grandassa Models and AJASS Repertory Theater), c. 1968, printed 2017
Archival pigment print
Overall: 15 × 15 in. (38,1 × 38,1 cm)
- 14

Chaleque (born 1992)
Residência VII, 2021
Assemblage, recycled metal
14³/₁₆ × 11¹³/₁₆ × 7⁷/₈ in. (36 × 30 × 20 cm)
- 15

Lizette Chirrime (born 1973)
Meditation Side Effects, 2018
Fabric collage
71 × 45 in. (180,34 × 114,3 cm)
- 16

Katy Cowan (born 1982)
Still; Reversed Variation, 2017
Oil, enamel, and graphite powder on cast bronze, braided rope
Overall: 62 × 27 × 2 in. (157,5 × 68,6 × 5,1 cm)
- 17

Katy Cowan (born 1982)
Night and Holes Rope (Galactic Drawing Position), 2017
Oil and enamel on cast bronze
Overall: 51½ × 21 × 1 in. (130,8 × 53,3 × 2,5 cm)
- 18

Tracy Crump (born 1974)
World O World, 2018
Wood panels, acrylic paint, ink, watercolor paint, graphite
Each of three panels: 72 × 36 × 1½ in. (182,9 × 91,4 × 3,8 cm)
- 19

Datinho (born 1991)
A dona do madrio (The owner of the husband), 2020
Acrylic on canvas
16¹⁵/₁₆ × 43⁵/₁₆ in. (43 × 110 cm)

- 11

Filipe Branquinho (nascido em 1977)
Rádio Moçambique, Discoteca, 2014
Impressão a jato de tinta sobre papel de belas artes
22¹³/₁₆ × 27¹¹/₁₆ pol. (57,9 × 70,3 cm)
- 12

Kwame Brathwaite (nascido em 1938)
Sem título (Modelos Grandassa, Galeria Merton Simpson), criado em 1967, impresso em 2017
Impressão de pigmento de arquivo
Em geral: 15 × 15 pol. (38,1 × 38,1 cm)
- 13

Kwame Brathwaite (nascido em 1938)
Sem título (Pat Bardonelle no palco do Teatro Apollo durante a atuação pelas Modelos Grandassa e pelo Teatro de Repertório AJASS), criado em 1968, impresso em 2017
Impressão de pigmento de arquivo
Em geral: 15 × 15 pol. (38,1 × 38,1 cm)
- 14

Chaleque (nascido em 1992)
Residência VII, 2021
Montagem, metal reciclado
14³/₁₆ × 11¹³/₁₆ × 7⁷/₈ pol. (36 × 30 × 20 cm)
- 15

Lizette Chirrime (nascida em 1973)
Efeitos Secundários da Meditação, 2018
Colagem de tecidos
71 × 45 pol. (180,34 × 114,3 cm)
- 16

Katy Cowan (nascida em 1982)
Ainda; Variação Invertida, 2017
Óleo, esmalte e pó de grafite sobre bronze fundido, corda entrançada
Em geral: 62 × 27 × 2 pol. (157,5 × 68,6 × 5,1 cm)
- 17

Katy Cowan (nascida em 1982)
Corda da Noite e dos Buracos (Posição de Desenho Galáctico), 2017
Óleo e esmalte sobre bronze fundido
Em geral: 51½ × 21 × 1 pol. (130,8 × 53,3 × 2,5 cm)
- 18

Tracy Crump (nascida em 1974)
Mundo O Mundo, 2018
Painéis de madeira, tinta acrílica, tinta, aguarela, grafite
Cada um dos três painéis: 72 × 36 × 1½ pol. (182,9 × 91,4 × 3,8 cm)
- 19

Datinho (nascido em 1991)
A dona do madrio (A dona do marido), 2020
Acrílico sobre tela
16¹⁵/₁₆ × 43⁵/₁₆ pol. (43 × 110 cm)

- 20

Heather Day (born 1989)
Sometimes I mirror You #5½, 2019
Acrylic, soft pastel, graphite spray paint on canvas
Overall: 45 × 72 in. (114,3 × 182,9 cm)
- 21

Bob Dylan (born 1941)
Ironwork Wall Hanging (Found Frame Blue Gear), 2016
Iron and vintage objects
Overall: 53⁹/₁₆ × 32⁷/₈ × 5¹/₈ in. (136 × 83,5 × 13 cm)
- 22

Alexander Kori Girard (born 1979)
The Aquarius II, 2017
Acrylic gouache on canvas
Overall: 60 × 72 in. (152,4 × 182,9 cm)
- 23

Jen Guyton (born 1988)
Gorongosa Watering Hole, 2016
Fuji Flex as a Silver-based Digital C-type archival print
20 × 30 in. (50,8 × 76,2 cm)
- 24

Jen Guyton (born 1988)
Gorongosa New Beginning, 2018
Fuji Flex as a Silver-based Digital C-type archival print
20 × 30 in. (50,8 × 76,2 cm)
- 25

Jen Guyton (born 1988)
Chimanimani: Traces of the Past, 2019
Fuji Flex as a Silver-based Digital C-type archival print
Art print on acid-free paper
20 × 30 in. (50,8 × 76,2 cm)
- 26

Jen Guyton (born 1988)
Chimanimani: After the Storm, 2019
Fuji Flex as a Silver-based Digital C-type archival print
Art print on acid-free paper
20 × 30 in. (50,8 × 76,2 cm)
- 27

Alice Hope (born 1966)
Murmurations I, 2020
Used aluminum can tabs, seine netting
9 × 17⁷/₁₀ ft. (2,7 × 5,4 m)
- 28

Cody Hoyt (born 1980)
Truncated Tetrahedron IV, 2015
Ceramic
Overall: 17 × 20 × 20 in. (43,2 × 50,8 × 50,8 cm)

- 20

Heather Day (nascida em 1989)
Às vezes imito-te #5½, 2019
Acrílico, tons pastéis suaves, tinta spray de grafite sobre tela
Em geral: 45 × 72 pol. (114,3 × 182,9 cm)
- 21

Bob Dylan (nascido em 1941)
Decorações de parede em ferro (Moldura Fundida Engrenagem Azul), 2016
Ferro e objetos vintage
Em geral: 53⁹/₁₆ × 32⁷/₈ × 5¹/₈ pol. (136 × 83,5 × 13 cm)
- 22

Alexandre Kori Girard (nascido a 1979)
O Aquário II, 2017
Guache acrílico sobre tela
Em geral: 60 × 72 pol. (152,4 × 182,9 cm)
- 23

Jen Guyton (nascida em 1988)
Bebedouro da Gorongosa, 2016
Fuji Flex como uma impressão de arquivo digital tipo C à base de prata
20 × 30 pol. (50,8 × 76,2 cm)
- 24

Jen Guyton (nascida em 1988)
Novo começo na Gorongosa, 2018
Fuji Flex como uma impressão de arquivo digital tipo C à base de prata
20 × 30 pol. (50,8 × 76,2 cm)
- 25

Jen Guyton (nascida em 1988)
Chimanimani: Vestígios do Passado, 2019
Fuji Flex como uma impressão de arquivo digital tipo C à base de prata
Impressão de arte em papel sem ácido
20 × 30 pol. (50,8 × 76,2 cm)
- 26

Jen Guyton (nascida em 1988)
Chimanimani: Após a Tempestade, 2019
Fuji Flex como uma impressão de arquivo digital tipo C à base de prata
Impressão de arte em papel sem ácido
20 × 30 pol. (50,8 × 76,2 cm)
- 27

Alice Hope (nascida em 1966)
Murmurações I, 2020
Abas de latas de alumínio usadas, redes “seine”
9 × 17⁷/₁₀ pés. (2,7 × 5,4 m)
- 28

Cody Hoyt (nascido em 1980)
Tetraedro Truncado IV, 2015
Cerâmica
Em geral: 17 × 20 × 20 pol. (43,2 × 50,8 × 50,8 cm)

29	Cody Hoyt (born 1980) <i>Truncated Tetrahedron Variation</i> , 2016 Hand-built ceramic vessel made from inlaid pieces of hand-colored clay Overall: 20 × 16½ × 15 in. (50,8 × 41,9 × 38,1 cm)	29	Cody Hoyt (nascido em 1980) <i>Variação do Tetraedro Truncado</i> , 2016 Vaso de cerâmica feito à mão com peças embutidas de barro colorido à mão Em geral: 20 × 16½ × 15 pol. (50,8 × 41,9 × 38,1 cm)	38	Rose Marcus (born 1982) <i>Imagine (Field)</i> , 2017 Archival inkjet print on glass with no white ink Overall: 74½ × 50½ in. (189,2 × 128,3 cm)	38	Rose Marcus (nascida em 1982) <i>Imagine (Campo)</i> , 2017 Impressão de jato de tinta de arquivo sobre vidro sem tinta branca Em geral: 74½ × 50½ pol. (189,2 × 128,3 cm)
30	Cody Hoyt (born 1980) <i>Oblique Vessel</i> , 2016 Ceramic Overall: 12½ × 11 × 22 in. (31,8 × 27,9 × 55,9 cm)	30	Cody Hoyt (nascido em 1980) <i>Vaso Obliquo</i> , 2016 Cerâmica Em geral: 12½ × 11 × 22 pol. (31,8 × 27,9 × 55,9 cm)	39	John McAllister (born 1973) <i>sings darksome silvery</i> , 2018 oil on canvas Overall: 72 × 61 in. (182,9 × 154,9 cm)	39	John McAllister (nascido em 1973) <i>canta o prateado escuro</i> , 2018 óleo sobre tela Em geral: 72 × 61 pol. (182,9 × 154,9 cm)
31	Teles Khossa (born 1986) <i>Swilo swa missava I</i> , 2020 Acrylic on canvas 16 ¹⁵ ⁄ ₁₆ × 43 ⁵ ⁄ ₁₆ in. (43 × 110 cm)	31	Teles Khossa (nascido em 1986) <i>Swilo swa missava I</i> , 2020 Acrílico sobre tela 16 ¹⁵ ⁄ ₁₆ × 43 ⁵ ⁄ ₁₆ pol. (43 × 110 cm)	40	Estevão Mucavele (born 1941) <i>Heat in Maputo</i> , 2011 Oil on canvas 19 ¹¹ ⁄ ₁₆ × 27 ⁹ ⁄ ₁₆ in. (50 × 70 cm)	40	Estevão Mucavele (nascido em 1941) <i>Calor em Maputo</i> , 2011 Óleo sobre tela 19 ¹¹ ⁄ ₁₆ × 27 ⁹ ⁄ ₁₆ pol. (50 × 70 cm)
32	Beryl Korot (born 1945) <i>Curves I</i> , 2016 Ink, pencil, and embroidered thread on paper Overall: 22 × 22 × 1½ in. (55,9 × 55,9 × 3,8 cm)	32	Beryl Korot (nascida em 1945) <i>Curvas I</i> , 2016 Tinta, lápis e linha bordada sobre papel Em geral: 22 × 22 × 1½ pol. (55,9 × 55,9 × 3,8 cm)	41	Cassi Namoda (born 1988) <i>God is a Spirit</i> , 2018 Oil and acrylic on canvas Overall: 53 × 53 in. (134,6 × 134,6 cm)	41	Cassi Namoda (nascida em 1988) <i>Deus é um Espírito</i> , 2018 Óleo e acrílico sobre tela Em geral: 53 × 53 pol. (134,6 × 134,6 cm)
33	Beryl Korot (born 1945) <i>Curves II</i> , 2016 Ink, pencil, and embroidered thread on paper Overall: 22 × 22 × 1½ in. (55,9 × 55,9 × 3,8 cm)	33	Beryl Korot (nascida em 1945) <i>Curvas II</i> , 2016 Tinta, lápis e linha bordada sobre papel Em geral: 22 × 22 × 1½ pol. (55,9 × 55,9 × 3,8 cm)	42	Ulisses Gomes Oviedo (born 1952) <i>Atributo (Attribute)</i> , 2016 Acrylic on canvas image: 28¾ × 28¾ in. (72 × 74 cm) framed: 37 ¹³ ⁄ ₁₆ × 35 ¹³ ⁄ ₁₆ in. (96 × 91cm)	42	Ulisses Gomes Oviedo (nascido em 1952) <i>Atributo (Atributo)</i> , 2016 Acrílico sobre tela image: 28¾ × 28¾ in. (72 × 74 cm) framed: 37 ¹³ ⁄ ₁₆ × 35 ¹³ ⁄ ₁₆ in. (96 × 91cm)
34	Nate Lewis (born 1985) <i>Robed in Chants</i> , 2016 Hand-sculpted photo paper print Overall: 24 × 19 in. (61 × 48,3 cm)	34	Nate Lewis (nascido em 1985) <i>Vestida de Cânticos</i> , 2016 Impressão em papel fotográfico esculpido à mão Em geral: 24 × 19 pol. (61 × 48,3 cm)	43	Kianja Strobert (born 1980) <i>The Ferryman</i> , 2017 Oil, acrylic, pumice, graphite, and paper on canvas Overall: 18 × 18 × 3½ in. (45,7 × 45,7 × 8,9 cm)	43	Kianja Strobert (nascida em 1980) <i>O Barqueiro</i> , 2017 Óleo, acrílico, pedra-pomes, grafite e papel sobre tela Em geral: 18 × 18 × 3½ pol. (45,7 × 45,7 × 8,9 cm)
35	Nate Lewis (born 1985) <i>Ivy Overgrown</i> , 2015 Hand-sculpted photo paper print Overall: 11½ × 8 in. (29,2 × 20,3 cm)	35	Nate Lewis (nascido em 1985) <i>Hera Demasiado Crescida</i> , 2015 Impressão em papel fotográfico esculpido à mão Em geral: 11½ × 8 pol. (29,2 × 20,3 cm)	44	William T. Williams (born 1942) <i>Green Return</i> , 2015 Acrylic on paper Overall: 30⅙ × 22½ in. (76,5 × 57,2 cm)	44	William T. Williams (nascido em 1942) <i>Regresso Verde</i> , 2015 Acrílico sobre papel Em geral: 30⅙ × 22½ polegadas. (76,5 × 57,2 cm)
36	Nate Lewis (born 1985) <i>Ceremonial Surgeries</i> , 2015 Hand-sculpted photo paper print Overall: 11½ × 8 in. (29,2 × 20,3 cm)	36	Nate Lewis (nascido em 1985) <i>Cirurgias Cerimoniais</i> , 2015 Impressão em papel fotográfico esculpido à mão Em geral: 11½ × 8 pol. (29,2 × 20,3 cm)	45	Brenna Youngblood (born 1979) <i>Golden Star / Golden Retriever</i> , 2011 Wood panel, toilet paper, and spray-paint 35 × 33 × 2 in. (88,9 × 83,8 × 5,1 cm)	45	Brenna Youngblood (nascida em 1979) <i>Estrela Dourada / Golden Retriever</i> , 2011 Painel de madeira, papel higiênico e tinta em spray 35 × 33 × 2 pol. (88,9 × 83,8 × 5,1 cm)
37	Gonçalo Mabunda (born 1975) Untitled Mixed media 2 pieces: 120⅙ × 13¾ × 25⅙ in. (305 × 35 × 65 cm) 4 pieces: 131⅞ × 13¾ × 25⅙ in. (335 × 35 × 65 cm)	37	Gonçalo Mabunda (nascido em 1975) Sem título Mixed media 2 pieces: 120⅙ × 13¾ × 25⅙ in. (305 × 35 × 65 cm) 4 pieces: 131⅞ × 13¾ × 25⅙ in. (335 × 35 × 65 cm)				



Art in Embassies

Established in 1963, the U.S. Department of State's office of Art in Embassies (AIE) plays a vital role in our nation's public diplomacy through a culturally expansive mission, creating temporary and permanent exhibitions, artist programming, and publications. The Museum of Modern Art first envisioned this global visual arts program a decade earlier. In the early 1960s, President John F. Kennedy formalized it, naming the program's first director. Now with over 200 venues, AIE curates temporary and permanent exhibitions for the representational spaces of all U.S. chanceries, consulates, and embassy residences world-wide, selecting and commissioning contemporary art from the U.S. and the host countries. These exhibitions provide international audiences with a sense of the quality, scope, and diversity of both countries' art and culture, establishing AIE's presence in more countries than any other U.S. foundation or arts organization.

AIE's exhibitions allow citizens, many of whom might never travel to the United States, to personally experience the depth and breadth of our artistic heritage and values, making what has been called a: "footprint that can be left where people have no opportunity to see American art."

www.art.state.gov

Arte nas Embaixadas

Criado em 1963, o gabinete de Arte nas Embaixadas (AIE) do Departamento de Estado dos EUA desempenha um papel vital na diplomacia pública da nossa nação, por meio da realização de uma missão culturalmente expansiva: a criação de exposições temporárias e permanentes, programação de artistas e publicações. O Museu de Arte Moderna concebeu pela primeira vez este programa global de artes visuais há uma década atrás. No início dos anos 60, o Presidente John F. Kennedy formalizou-o, nomeando o primeiro diretor do programa. Atualmente com mais de 200 locais, a AIE faz a curadoria de exposições temporárias e permanentes para os espaços representativos de todas as chancelarias, consulados e residências de embaixadas dos EUA em todo o mundo, selecionando e encomendando arte contemporânea dos EUA e dos países anfitriões. Estas exposições fornecem ao público internacional uma ideia da qualidade, do âmbito e da diversidade da arte e da cultura de ambos os países, estabelecendo a presença da AIE em mais países do que qualquer outra fundação ou organização de artes dos EUA.

As exposições da AIE permitem aos cidadãos, muitos dos quais poderão nunca se deslocar aos Estados Unidos, experienciar pessoalmente a profundidade e a abrangência do nosso patrimônio e valores artísticos, criando aquilo a que se tem chamado uma: «pegada que pode ser deixada onde as pessoas não têm oportunidade de ver arte americana.»

www.art.state.gov

Acknowledgments

Art in Embassies, U.S. Department of State
Washington, D.C.

Imtiaz Hafiz, *Curator*
Becky Clark, *Senior Registrar*
Jaime Arbolino, *Registrar and Installer*

Tabitha Brackens, *Senior Editor*
Megan Pannone, *Writer and Editor*
Amanda Brooks, *Imaging Specialist*

Transpacific Communications, *Translation*

Special thanks to the U.S. Department of State’s
Bureau of Overseas Building Operations Project
Director Tarik Merghoub and Project Architect
Jorge Rodriguez for their technical support,
expertise, and guidance.

Designed by Margaret Bauer
Printed by Global Publishing Solutions,
Manila, Philippines

Published by Art in Embassies
Bureau of Overseas Building Operations
U.S. Department of State

Agradecimentos

Arte nas Embaixadas, Departamento de
Estado dos EUA, Washington, D.C.

Imtiaz Hafiz, *Curador*
Becky Clark, *Registadora Sênior*
Jaime Arbolino, *Registador e Instalador*

Tabitha Brackens, *Editora Sênior*
Megan Pannone, *Escritora e Editora*
Amanda Brooks, *Especialista em Imagem*

Transpacific Communications, *Tradução*

Agradecimentos especiais ao Diretor de Projeto
do Gabinete de Operações no Estrangeiro do
Departamento de Estado dos EUA, Tarik Merghoub,
e ao Arquiteto de Projeto Jorge Rodriguez
pelo seu apoio técnico, perícia e orientação.

Desenhado por Margaret Bauer
Impresso por Global Publishing Solutions,
Manila, Filipinas

Publicado por Arte nas Embaixadas



